



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Câmpus de Araçatuba



ARETUZA MARQUES BOTTÓS

**Pandemia da COVID-19 e seu impacto na saúde: A
influência dos meios de comunicação e o uso indevido de
medicamentos não prescritos**

**Araçatuba
2021**

ARETUZA MARQUES BOTTÓS

Pandemia da COVID-19 e seu impacto na saúde: A influência dos meios de comunicação e o uso indevido de medicamentos não prescritos

Dissertação apresentada à Faculdade de Odontologia de Araçatuba da universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Saúde Coletiva em Odontologia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cléa Adas Saliba Garbin

Coorientador: Prof. Dr. Artênio José Ísper Garbin

**Araçatuba
2021**

Catálogo na publicação (CIP)
Diretoria Técnica de Biblioteca e Documentação – FOA / UNESP

B751p Bottós, Aretuza Marques.
Pandemia da COVID-19 e seu impacto na saúde :
a influência dos meios de comunicação e o uso indevido
de medicamentos não prescritos / Aretuza Marques
Bottós. - Araçatuba, 2021
70 f. ; graf.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual
Paulista, Faculdade de Odontologia de Araçatuba
Orientadora: Profa. Cléa Adas Saliba Garbin
Coorientador: Prof. Artênio José Ísper Garbin

1. COVID-19 2. Coronavírus 3. Pandemias 4. Auto-
medicação 5. Saúde pública 6. Mídias sociais I. T.

Black D5
CDD 617.601

Claudio Hideo Matsumoto CRB-8/5550

A minha família,

Com amor e gratidão por sua compreensão e apoio ao longo do período de elaboração deste trabalho.

Em especial a minha irmã, sem ela eu não teria chegado até aqui.

Agradecimentos

A **Deus e a Nossa Senhora de Fátima** por me conduzirem a luz de amor e bênçãos.

À **Prof.^a Titular Cléa Adas Saliba Garbin**, minha querida orientadora, pela paciência e disposição em me ajudar. Com seu amor de mãe soube entender minhas limitações e me amparar nos momentos difíceis. Desejo de coração que sua vida seja repleta de amor e alegria. Minha gratidão eterna por todos os ensinamentos.

Ao **Prof. Ass. Artênio José Ísper Garbin**, coorientador, agradeço por aceitar participar da minha jornada pela pós-graduação e por todos os ensinamentos compartilhados, que você seja sempre luz.

À Coordenação do Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva em Odontologia, **Prof.^a Titular Suzely Adas Saliba Moimaz**, por ter me ouvido e entendido nos momentos difíceis e com paciência e dedicação ter me amparado. Que Deus continue te abençoando com sabedoria e amor.

À **Prof.^a Assistente Tânia Adas Saliba**, pelo excelente trabalho frente ao programa e pela compreensão e disposição em me ajudar. Que sua vida seja abençoada com o amor de Nossa Senhora.

À **Prof.^a Titular Nemre Saliba** e ao **Prof. Titular Orlando Saliba**, por terem dado início a este belo trabalho, tornando possível a realização de tantos sonhos e como pais, terem nos proporcionado o prazer da convivência com suas queridas filhas.

À **Prof.^a Ass. Ana Cláudia Okamoto**, pelas considerações que contribuíram para o enriquecimento deste trabalho, obrigada pela atenção e carinho.

Ao **Prof. Doutor Fernando Yamamoto Chiba**, pela paciência em me ensinar as belezas da bioestatística. Obrigada pela disposição.

Ao **Prof. Assistente Doutor Ronald Jefferson Martins**, pela atenção e apoio durante o processo e por todos os ensinamentos. Minha eterna admiração e carinho.

Ao **Nilton César Souza**, pelas longas conversas, pelos abraços e pela ajuda, rezo para que Deus te mantenha sempre alegre e iluminado.

À **Gabriela Teruel**, pela parceria e auxílio na realização da pesquisa.

Aos alunos pós-graduandos do Programa de Saúde Coletiva em Odontologia, pelo companheirismo, pelas caronas e pela ajuda nessa trajetória. Em especial, **Gleice Ramirez** por me socorrer nos momentos de desespero e estar sempre disposta a me ajudar, sua amizade foi muito importante, **Aryane Tamanaha** por sempre me ouvir e me fazer rir nos momentos difíceis e, **Lia Borges**, por estender sua mão e me ajudar a no processo de amadurecimento. Desejo à cada uma que só encontrem sucesso e paz em suas caminhadas.

Aos meus colegas de turma **Letícia Lourenço, Lucas Alonso Esgaravati e José Augusto Cruz**, agradeço a amizade e companheirismo e compartilho com vocês essa vitória.

Aos funcionários da **Biblioteca** e da **Seção de Pós-graduação**, por toda ajuda, atenção e paciência.

Nelsinho e Zeca, pelo companheirismo, apoio e carinho, amo vocês.

À Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, na pessoa do diretor da Faculdade de Odontologia de Araçatuba **Prof. Glauco Issamu Miyahara** e do vice-diretor **Prof. Alberto Carlos Botazzo Delbem**, pelo empenho em manter o prestígio de nossa casa

À **CAPES** Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, pelo provimento da bolsa de mestrado e assim possibilitando a realização deste estudo.

A mim, **Aretuza Marques Bottós**, por não ter desistido e ter lutado até o fim.

“É muito fácil perder o sabor da vida quando se come muita
informação estragada.”
WESLEY D'AMICO

Bottós AM. Pandemia da COVID-19 e seu impacto na saúde: A influência dos meios de comunicação e o uso indevido de medicamentos não prescritos. 2021. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Odontologia, Universidade Estadual Paulista, Araçatuba, 2021.

RESUMO

A pandemia da COVID-19 ocasionada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2) revelou-se como um grave problema de saúde pública em escala mundial. Esta crise sanitária gerou alterações significativas no comportamento e na saúde da população, que sustentada no medo e no insuficiente conhecimento científico sobre a questão, adotou condutas não saudáveis, como o uso de medicamentos não prescritos. A divulgação massiva pelos meios de comunicação de informações errôneas referentes ao coronavírus intensificou a instabilidade dos sistemas de saúde. Pacientes com alguma enfermidade, tornaram-se ainda mais vulneráveis a tais hábitos, tendo em vista suas condições de saúde. Dessa forma, mostra-se de grande importância a investigação da influência dos meios externos e dos fatores associados a automedicação frente ao alto impacto da doença. Assim, o objetivo deste estudo foi dimensionar a prevalência da prática da automedicação na população adulta hipertensa e diabética, bem como, investigar possíveis associações entre divulgação de informações falaciosas em mídias sociais e o uso de medicamentos sem prescrição médica. Trata-se de um estudo epidemiológico transversal, quantitativo, realizado na atenção primária à saúde de um município de porte médio do interior do estado de São Paulo e desenvolvido no período entre março e dezembro de 2020, durante o isolamento social como consequência a pandemia da COVID-19. Como instrumento de pesquisa, foi utilizado um questionário estruturado e dimensionado em blocos temáticos, aplicado via telefone. A fim de averiguar a prática da automedicação e a influência dos meios de comunicação no tratamento e prevenção da COVID-19, com o auxílio do Software Epi.Info 7.2, foi realizado o teste Qui-Quadrado, analisando a associação entre variáveis independentes, que tiveram p-valor $<0,050$, na análise bivariada com as variáveis dependentes, uso de medicamento preventivo e obtenção de informações por meio de mídias sociais. As variáveis categóricas foram representadas por frequências relativas e percentuais. Dos 363 participantes, 76,58% possuíam hipertensão, 1,10% diabetes tipo 1, 4,68% diabetes tipo 2 e 17,63% possuíam ambas enfermidades. A média de idade observada foi de 62,49 anos e 44,08% possuíam ensino fundamental incompleto. Sobre a COVID-19, 73,83% informaram ter tomado

medicação para prevenção, dos quais 232 (86,56%) obtiveram tais medicamentos sem a prescrição médica, estabelecendo associação ao nível de escolaridade e idade ($p = <0.0001$). Quando questionados sobre por qual meio receberam mais informações sobre a doença, 29% citaram TV, 24% mídias sociais e 18% rádio. Em relação à por onde prefeririam receber essas informações, 8% citaram enfermeiros, 16% dentistas, 19% médicos e 19% posto de saúde. Observou-se significância estatística entre influência das mídias sociais e escolaridade ($p=0,0066$), tratamento específico ($p=0,0001$) e cura específica ($p=0,0001$). Concluiu-se que mais da metade dos pacientes pertencentes ao grupo de risco (hipertensão e diabetes) e assistidos pela atenção primária à saúde fez uso de medicamentos sem prescrição, demonstrando uma maior vulnerabilidade ao se tratar de idade e nível de conhecimento. Os resultados sugerem também que as mídias sociais influenciaram diretamente no comportamento da população, principalmente nas que possuem um menor nível de escolaridade, podendo interferir em questões sérias, como a saúde.

Palavras chave: COVID-19. Coronavírus. Pandemias. Automedicação. Saúde Pública. Mídias Sociais.

Bottós AM. COVID-19 pandemic and its impact on health: the influence of social media and the misuse of over-the-counter medications. 2021. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Odontologia, Universidade Estadual Paulista, Araçatuba, 2021.

Abstract

The COVID-19 pandemic caused by the new coronavirus (SARS-CoV-2) has revealed itself as a serious public health problem on a worldwide scale. This health crisis generated significant changes in the behavior and health of the population, which, supported by fear and insufficient scientific knowledge on the issue, adopted unhealthy behaviors, such as the use of non-prescription drugs. The massive dissemination by the media of erroneous information regarding the coronavirus intensified the instability of health systems. Patients with some disease became even more vulnerable to these habits, due to their health status. Thus, it is of great importance to investigate the influence of external means and factors associated with self-medication in view of the high impact of the disease. The aim of this study was to measure the prevalence of self-medication in the adult population of hypertensive and diabetic patients, as well as to investigate possible associations between the disclosure of fallacious information on social networks and the use of over-the-counter medications. This is a cross-sectional, quantitative epidemiological study carried out in primary health care in a medium-sized city in the interior of the state of São Paulo and developed between March and December 2020, during social isolation as a consequence of the pandemic of COVID-19. As a research instrument, a structured questionnaire was used, sized in thematic blocks, applied by telephone. In order to investigate the practice of self-medication and the influence of the media in the treatment and prevention of COVID-19, with the aid of the Epi.Info 7.2 Software, the Chi-Square test was performed, analyzing the association between independent variables, which had p-value <0.050 , in the bivariate analysis with the dependent variables, use of preventive medication and obtaining information through social media. Categorical variables were represented by relative frequencies and percentages. Of the 363 participants, 76.58% had hypertension, 1.10% type 1 diabetes, 4.68% type 2 diabetes and 17.63% had both pathologies. The average age observed was 62.49 years and 44.08% had not completed elementary school. Regarding COVID-19, 73.83% reported having taken medication for prevention, of which 232 (86.56%) obtained such medication without a medical prescription, establishing an association with level of education and age

($p < 0.0001$). When asked about which means they received more information about the disease, 29% mentioned TV, 24% social media and 18% radio. Regarding where they would prefer to receive this information, 8% mentioned nurses, 16% dentists, 19% doctors and 19% health post. Statistical significance was observed between the influence of social media and education ($p = 0.0066$), specific treatment ($p = 0.0001$) and specific cure ($p = 0.0001$). It was concluded that more than half of the patients belonging to the risk group (hypertension and diabetes) and assisted by primary health care used over-the-counter medications, demonstrating a greater vulnerability in terms of age and level of knowledge. The results also suggest that social media directly influence the behavior of the population, especially those with a lower level of education, and may interfere with serious issues such as health.

Keywords: COVID-19. Coronavirus. Pandemics. Self Medication. Public Health. Social Media.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição percentual sobre a obtenção de informações sobre COVID-19.	53
Gráfico 2 – Distribuição percentual sobre como preferem obter informações sobre COVID-19.	54

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Artigos identificados na revisão de literatura.

21

LISTA DE TABELAS

Capítulo 1

Tabela 1 – Distribuição numérica e percentual da caracterização da amostra.	35
Tabela 2 - Distribuição numérica e percentual do conhecimento sobre COVID-19.	36
Tabela 3 - Análise bivariada dos fatores independentes em relação à variável dependente - uso de medicamentos preventivos para a COVID-19.	36

Capítulo 2

Tabela 1 - Caracterização amostral: distribuição numérica e percentual.	52
Tabela 2- Análise bivariada dos fatores independentes em relação à variável dependente - Recebeu informações sobre COVID-19 pelas Mídias Sociais.	54

LISTA DE SIGLAS

ANVISA	Agencia Nacional de Vigilância Sanitária
CFF	Concelho Federal de Farmácia
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICTQ	Instituto de Ciência, Tecnologia e Qualidade
OMS	Organização Mundial da Saúde
SINITOX	Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas
SUS	Sistema Único de Saúde
UBS	Unidades Básicas de Saúde

LISTA DE SÍMBOLOS

%	Porcentagem
<	Menor
>	Maior
$\leq$	Menor ou igual
$\geq$	Maior ou igual
n	Amostra
p	Nível de significância

LISTA DE TERMOS RELACIONADOS A COVID-19

Coronavírus: um grupo de vírus capaz de causar doenças em humanos e animais.

COVID-19: nome da doença causada pelo vírus SARS-CoV-2 e é uma abreviação de **Corona Virus Disease** (“doença causada pelo vírus Corona”, em tradução literal do inglês).

SARS-CoV-2: nome oficial do vírus que causa a COVID-19 (o novo coronavírus, chamado inicialmente de n-Cov).

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO GERAL	19
2 REVISÃO DE LITERATURA	21
3 OBJETIVOS GERAIS.....	28
4 METODOLOGIA EXPANDIDA	29
5 CAPÍTULO 1 - COVID-19: PREVALÊNCIA DA AUTOMEDICAÇÃO PREVENTIVA E SEUS FATORES ASSOCIADOS.....	31
5.1 Resumo:	31
5.2 Abstract	32
5.3 Introdução	33
5.4 Metodologia.....	34
5.5 Resultados	35
5.6 Discussão.....	37
5.7 Conclusão	41
5.8 Referência	41
6 CAPÍTULO 2 – IMPACTO DAS MÍDIAS SOCIAIS EM TEMPOS DE PANDEMIA DA COVID-19: ASSOCIAÇÃO ENTRE DIVULGAÇÃO DE INFORMAÇÕES E O USO DE MEDICAMENTOS SEM PRESCRIÇÃO.....	47
6.1 Resumo	47
6.2 Abstract	48
6.3 Introdução	49
6.4 Metodologia.....	51
6.5 Resultados	52
6.6 Discussão.....	55
6.7 Conclusão	60
6.8 Referências	60
ANEXOS	63

1 INTRODUÇÃO GERAL

A Organização Mundial de Saúde (OMS) reconheceu a doença da COVID-19 (Sars-CoV-2) em nível pandêmico, no dia 11 de março de 2020 e desde então, mais de 250 milhões de pessoas foram infectadas e cerca de 5,1 milhões vieram a óbito¹. Diante da perversidade dos acontecimentos e do rápido nível de infecção, houve a necessidade de promover o isolamento social de grande parte da população mundial, numa tentativa de conter a propagação da doença. Tais fatos levaram a alterações comportamentais e emocionais significativas para a saúde da coletividade².

As incertezas originadas pelas características imprevisíveis da COVID-19, assim como observado em epidemias anteriores, promoveram o desenvolvimento de vulnerabilidades que aumentaram a propensão ao surgimento de distúrbios de ansiedade, depressão e estresse^{3,4}. Alguns sintomas, incluindo: insônia, paranoias, compras compulsivas, aumento de peso, automedicação, entre outros, foram observados em pacientes pelo mundo todo^{4,5}.

Como agravante deste quadro, observa-se que as mídias sociais e demais meios de comunicação, difundem a uma velocidade superior a propagação do próprio vírus, um excesso de conteúdos falaciosos que contribuem para a desinformação, gerando ansiedade na população e criando uma situação de pânico global⁶. Segundo uma declaração da Organização Mundial da Saúde (OMS), atualmente a luta não é apenas contra a pandemia do novo coronavírus, mas também contra uma infoendemia nas redes sociais⁷.

A incapacidade dos indivíduos de discernir informações verdadeiras das errôneas, levam a situações exacerbadas e incontroláveis, contribuindo para o aumento de pacientes em hospitais com crises de ansiedade, prateleiras de mercados vazias e a busca por medicamentos sem prescrição como tentativa de prevenção^{7,8}.

Inúmeras substâncias como ervas, vitaminas, antivirais e vermífugos, foram apontadas pelas mídias como uma alternativa eficaz no combate e prevenção a COVID-19. O uso desnorteadado de tais substâncias, sem comprovação científica de benefícios e sem a orientação de um profissional habilitado é reputado como um preocupante problema para a saúde pública⁸.

A cultura da automedicação é comum nas diferentes esferas sociais, devido a facilidade ao acesso de medicamentos e o baixo custo de mercado^{9,10}. Dessa forma,

a seleção e uso de fármacos não prescritos, atingem grandes dimensões de consumo, gerando consequências individuais e coletivas, acarretando em problemas de cunho científico e social¹¹.

Esse consumo desenfreado dos mais diversos tipos de medicamentos pode promover o agravamento de doenças, intoxicação, surgimento de reações adversas e resistência medicamentosa, o que consequentemente pode desestabilizar o funcionamento do organismo^{12,13}. Atualmente, a intoxicação e as reações adversas, são um dos principais motivos de internação em hospitais e constituem uma importante causa de mortalidade¹⁴.

No contexto da pandemia, o medo e a fragilidade da população frente ao alto impacto da doença, principalmente os pertencentes aos grupos de risco, contribuem para abertura para alternativas variadas de tratamentos, mas que, em geral, não possuem comprovação científica. Assim, torna-se comum a observação de casos de morte por envenenamento, como ocorreu nos EUA e na Nigéria com pessoas que se automedicavam com cloroquina^{15,16}.

Entende-se como pertencente ao grupo de risco todo indivíduo que possui determinadas características ou que esteja sujeito a fatores determinantes, que o torne mais tendente a desenvolver a doença. No caso da COVID-19, este grupo é composto por indivíduos mais velhos, com doenças pré-existentes como diabetes e hipertensão, asma, doença pulmonar obstrutiva crônica, indivíduos fumantes, gestantes, pacientes com enfermidades hematológicas, doença renal crônica, câncer, obesidade e insuficiência cardíaca¹⁷.

Diante do impacto ocasionado na saúde, torna-se importante a investigação da influência dos meios externos e dos fatores associados a automedicação, uma vez que o conhecimento de tais comportamentos é pertinente para a promoção e fortalecimento de políticas públicas preventivas e educativas de combate a doenças.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Quadro 1. Artigos identificados na revisão de literatura.

Estudos	Autor	Artigo	Ano	Objetivo	Amostra	Tipo de estudo	Principais conclusões
E1	Oliveira JVL; Costa FB; Porfírio VN; Silva MMM; Cunha ABOC; Silva NC; Nascimento VJOA. et al .	A automedicação no período de pandemia de COVID-19: Revisão integrativa.	2021	Descrever os fatores que corroboram para a prática da automedicação em período de pandemia de COVID-19	16 artigos	Revisão integrativa da literatura	- A automedicação foi impulsionada no período de pandemia, sendo utilizadas tanto para prevenção como tratamento da COVID-19. - O uso irracional de medicamentos tomou frente, por conta dos supostos tratamentos relacionados com a COVID-19.
E2	Leal WS; Melo DNA; Silva FCS; Nazaré KA; Rodrigues BTF; Fernandes EL; Araújo MÊS; Martins JL; Freitas LMA.	Análise da automedicação durante a pandemia do novo Coronavírus: um olhar sobre a Azitromicina	2021	Debater sobre o aumento da automedicação durante este período pandêmico, enfatizando o uso indiscriminado da Azitromicina, além de ressaltar os fatores que contribuem para tal prática que corroboram para o aumento da resistência bacteriana	-	Revisão da literatura	A automedicação tem se tornado cada vez mais frequente neste período de pandemia. Este aumento, muitas das vezes, é devido a influência da circulação das chamadas “fake news”, com um bombardeio de informações sem cunho científico, que aproveitam o contexto atual, para a divulgação de supostos medicamentos para combater o COVID-19.
E3	Sahanic S; Boehm A; Pizzini A; Sonnweber T; Aichner M; Weiss G; Loeffler-Ragg J; Tancevski I.	Assessing self-medication for obstructive airway disease during COVID-19 using Google Trends.	2020	Investigar se pacientes que sofrem de DPOC e / ou asma podem ter consultado a internet por questões comportamentais e conselhos de automedicação.	-	Análise de banco de dados	Tanto o distanciamento social quanto as medidas de bloqueio, juntamente com o aumento da automedicação e da busca por atendimento digital, podem ter reduzido as taxas de admissão hospitalar em pacientes afetados por doença respiratória obstrutiva durante o surto de COVID-19 no início de 2020.

Estudos	Autor	Artigo	Ano	Objetivo	Amostra	Tipo de estudo	Principais conclusões
E4	Sadio AJ; Gbeasor-Komlanvi FA; Konu RY; Bakoubayi AW; Tchankoni MK; Bitty-Anderson AM; Gomez IM. et al.	Assessment of self-medication practices in the context of the COVID-19 outbreak in Togo	2020	Estimar a prevalência da automedicação para prevenção do COVID-19 e seus fatores associados em Lomé, Togo.	955 participantes	Transversal	Um terço dos indivíduos em populações de alto risco em Lomé praticava automedicação.
E5	Novais TK; Assis BM; De Paula ACC; Franco DCZ.	Automedicação como forma de tratamento da COVID-19 e suas consequências	2021	Analisar criticamente consequências e os riscos de toxicidade e indesejáveis efeitos devido ao aumento e persistência dos casos de automedicação e / ou medicação indevida, mediante a pandemia pelo Coronavírus	9 artigos	Revisão da literatura	- A utilização de medicamentos sem a devida prescrição e orientação médica, desrespeitando os critérios de uso racional, pode provocar diversos prejuízo. - O uso desenfreado e automedicação desencadeou, em 21 de março, uma morte nos Estados Unidos por uso indiscriminado da Hidroxicloroquina.
E6	Silva AF; Jesus JSP; Rodrigues JLG.	Automedicação na pandemia do novo Coronavírus	2020/21	Expor sobre a utilização inadequada de medicamentos prescritos e não prescritos devido ao seu fácil acesso durante o isolamento social, retratar a possibilidade de efeitos indesejáveis relacionados aos medicamentos, consequente da automedicação, e destacar a ausência da prática clínica e de assistência nos fornecimentos farmacêuticos ao paciente	24 artigos	Revisão da literatura	A Cloroquina/Hidroxicloroquina, vitamina C, ivermectina, Azitromicina, ibuprofeno e lopinavir-ritonavir são os medicamentos mais citados nos artigos científicos. O uso incorreto dessas substâncias pode causar efeitos colaterais graves, outros tipos de patologias ou até dependência.

Estudos	Autor	Artigo	Ano	Objetivo	Amostra	Tipo de estudo	Principais conclusões
E7	Barros-Sevillano JS; Sandoval CP; Alcarraz-Mundial LS; Barboza JJ.	Automedicación en tiempos de COVID-19. Una perspectiva desde Perú.	2020	Dimensionar a prática da automedicação em tempos de pandemia	132 participantes	Transversal	36 (33,9%) já haviam se automedicado antes. - Os medicamentos mais comuns foram antibióticos (28,3%), como Azitromicina e amoxicilina, seguidos por ivermectina (20,7%) e corticosteroides (17%), 3 três medicamentos com pouca ou nenhuma evidência científica clara que permite afirmar que seu uso precoce tem um resultado positivo no curso da doença. - Particularmente preocupante é a automedicação precoce com corticosteroides, que só são recomendados em pacientes hospitalizados que necessitam de oxigenoterapia.
E8	Corrêa MCD; Vilarinho L; Barroso WBG.	Controvérsias em torno do uso experimental da cloroquina / Hidroxicloroquina contra a COVID-19: "sem bala mágica"	2020	Produzir evidências sobre a eficácia de dois medicamentos utilizados experimentalmente contra a COVID-19 - Hidroxicloroquina e cloroquina.	68 ensaios clínicos	Revisão da literatura	A euforia social em torno desses medicamentos e sua promoção suscitou exageros e comportamentos irracionais, como automedicação.
E9	Souza AF; Pinheiro AC; Porto JM; Costa JSC; Dias RCN; Araújo LMB; Amâncio NFG.	COVID-19 Automedicação de indivíduos psicologicamente afetados	2020	Revisar a influência do COVID-19 na saúde mental, bem como a percepção e a automedicação de pacientes psicologicamente afetados durante a pandemia.	16 artigos	Revisão integrativa da literatura	- Verificou-se a influência do COVID-19 na saúde mental, bem como a percepção e a automedicação de pacientes psicologicamente afetados durante a pandemia. - A propagação por meio das mídias sociais, uma de informações vezes inverídicas, leva à desinformação da população e a adesão dos mesmos a automedicação como forma de escape para amenizar os medos frente a pandemia.

Estudos	Autor	Artigo	Ano	Objetivo	Amostra	Tipo de estudo	Principais conclusões
E10	Mercedes Neto M; Gomes TO; Porto FR; Rafael RMR; Fonseca MHS; Nascimento J.	“Fake news” no cenário da pandemia de COVID-19	2020	Discutir as “Fake News” no cenário brasileiro de COVID-19	70 “Fake news”	Revisão da literatura	• Observa-se que a velocidade de produção de “Fake News” é relevante, especialmente ao pressupor o impacto social e a capacidade de circulação destas notícias.
E11	Gras M; Gras-Champel V; Moragny J; Delaunay P; Laugier D; Masmoudi K; Liabeuf S.	Impact of the COVID-19 outbreak on the reporting of adverse drug reactions associated with self-medication.	2020	Descrever as características de reações adversas da droga (ADR) ligados a automedicação que foram comunicadas à francesa Farmacovigilância banco de dados (FPVD) durante o surto COVID-19 em 2020 primeira onda	3114 notificações	Transversal	• Durante o período COVID-19, 114 (3,7%) notificações foram ligados a automedicação. • As três classes de mais frequentemente foram analgésicos, psicodélicos e antibacterianos para uso sistêmico. • A principal diferença entre o período não COVID-19 e o período COVID-19 foi a maior proporção de erros de medicação.
E12	Jesmi AA; Tabrizi ZM; Rad M; Hosseinzadeh-Younesi E; Pourhabib A.	Lived experiences of patients with COVID-19 infection: a phenomenology study	2021	Descrever experiências de pacientes com infecção por COVID-19	14 participantes	Fenomenológico	• As tensões mentais foram as questões mais importantes nos pacientes com COVID-19, as quais estavam relacionadas às manifestações físicas. • A maioria dos participantes utilizou automedicação e recursos espirituais para o enfrentamento da doença.
E13	Miguel LCB; Carvalho CJS.	O impacto das “fake news” e a sua influência na automedicação na COVID-19		Análise do impacto causado por notícias falsas, relacionadas com o uso de drogas e outros meios como uma tentativa de prevenir ou curar a doença Coronavírus	10 artigos	Revisão da literatura	• Grande parte da comunidade caiu na disseminação de informações falsas mesmo antes da entrada do vírus no país.

Estudos	Autor	Artigo	Ano	Objetivo	Amostra	Tipo de estudo	Principais conclusões
E14	Souza MNC; Ricardino IEF; Sampaio K; Silva MR; Lima APG; Fernandes DL; Sampaio AC; Feitosa AC; Brito AB; Guedes TO; Mota ML.	Ocorrência de Automedicação na população Brasileira como estratégia preventiva ao SARS-CoV-2	2021	Identificar a existência da automedicação por populares com a finalidade de prevenção ao SARS-CoV-2 e analisar os potenciais agravamentos deste uso ao organismo humano.	509 participantes	Descritiva e analítica	- Há a prevalência de participantes do sexo feminino e com ensino fundamental e superior completo, no qual não houve predomínio da prática de automedicação. - Os maiores índices de automedicação aos fármacos Ivermectina e Azitromicina, a maioria dos indivíduos adquiriram esses medicamentos por meio da farmácia comercial.
E15	Teixeira KBJ. et al.	Os riscos associados à prática da automedicação no tratamento da COVID-19	2020	Avaliar os principais medicamentos utilizados na automedicação da COVID-19, bem como as principais reações adversas que podem ser apresentadas pelos pacientes	-	Transversal	- Constatou-se que os fármacos mais utilizados foram a Hidroxicloroquina, Cloroquina, Azitromicina e Ivermectina, algumas destas utilizadas em associação. - A automedicação acarreta graves riscos à saúde da população, que motivada pelo medo de uma nova doença, busca alternativas farmacológicas sem comprovação científica ou, ainda, que apresentam resultados preliminares, os quais não asseguram seu uso.
E16	Santos JRM; Monteiro L; Sousa SG; Araújo BGA	Os riscos da automedicação por Hidroxicloroquina frente a Pandemia de COVID-19	2021	Descrever as reações e interações medicamentosas da Hidroxicloroquina, descrevendo os riscos inerentes a automedicação durante a pandemia, bem como discorrer sobre a atuação da mídia e das autoridades governamentais	-	Revisão da literatura	Devido a informações veiculadas na mídia e defendida por autoridades a Hidroxicloroquina apresentou um aumento nas vendas durante a pandemia.

Estudos	Autor	Artigo	Ano	Objetivo	Amostra	Tipo de estudo	Principais conclusões
E17	Makowska M; Boguszewski R; Nowakowski M; Podkowska M.	Self-Medication-Related Behaviors and Poland's COVID-19 Lockdown.	2020	Verificar se a imposição do isolamento social fez com que os poloneses se envolvessem mais em comportamentos relacionados à automedicação.	1013 participantes	Transversal	Comportamentos relacionados à automedicação eram mais comuns entre os poloneses antes do bloqueio do que durante o bloqueio (o que não é surpreendente, dado que as durações dos períodos comparados eram extremamente diferentes), preocupantemente, muitas pessoas exibiram tais comportamentos pela primeira vez durante o bloqueio
E18	Silva Filho PSP; Costa REAR; Andrade IAS; Sousa FWS; Amorim Jr JS; Cavalcante Neto AS; Farias MDSB. et al.	The risks of self-medication in the elderly affected by coronaviruses and other respiratory syndromes	2020	Descrever os principais riscos da automedicação em idosos acometidos pelo Coronavírus e outras síndromes respiratórias.	16 artigos	Revisão da literatura	Automedicação requer atenção especial em idosos, pois essa faixa etária apresenta um maior risco de interações medicamentosas, com um possível aumento de reações adversas aos medicamentos, podendo assim, causar complicações aos pacientes, principalmente devido às alterações típicas do processo de envelhecimento.
E19	Lima WG; Cardoso BG; Simião DC; JM; Silva CA; Brito JCM.	Uso irracional de medicamentos e plantas medicinais contra a COVID-19 (SARS-CoV-2): Um problema emergente	2020	Abordar as questões críticas relacionadas ao uso irracional de medicamentos e plantas medicinais contra a infecção causada pelo novo coronavírus.	-	Revisão da literatura	- Utilização de medicamentos e plantas medicinais com indicação de eficácia e segurança limitada alcançou um patamar crítico durante a pandemia do SARS-Cov-2. - Políticas de promoção do uso racional de medicamentos, fitoterápicos e plantas medicinais devem ser estimuladas a fim de mitigar os riscos inerentes à automedicação nesse período.

3 OBJETIVOS GERAIS

Objetivo Geral

Este estudo objetivou dimensionar o impacto da pandemia da COVID-19 no comportamento relacionado à saúde, da população adulta hipertensa e diabética, assistida pela atenção primária à saúde.

Objetivos Específicos

- Dimensionar a prevalência de uso de medicamentos sem prescrição como método preventivo a COVID-19.
- Investigar a influências das mídias sociais no comportamento da população no que se refere ao uso de medicamentos sem prescrição.

4 METODOLOGIA EXPANDIDA

Caracterização do Estudo

Trata-se de um estudo epidemiológico transversal, quantitativo, realizado no período entre março e dezembro de 2020, durante o isolamento social como consequência da pandemia da COVID-19.

O universo amostral foi composto por usuários do Sistema Único de Saúde (SUS), portadores de doenças crônicas (hipertensão e diabetes) que possuíam cadastro na Atenção Primária à Saúde, nas 17 unidades de um município de porte médio no interior do Estado de São Paulo.

Ao todo, estão cadastrados no município 15.128 pacientes com comorbidade, sendo 10.430 hipertensos e 4.698 diabéticos, porém após a limpeza do banco de dados, respeitando os critérios de inclusão e exclusão, a população do estudo se estabeleceu em 363 indivíduos.

Como critério de inclusão, foram incorporados à pesquisa todos os indivíduos que possuíam histórico de hipertensão e diabetes, com cadastro na Atenção Primária à Saúde e que, após os esclarecimentos sobre o contexto da pesquisa, divulgação e sigilo de dados e importância científica, aceitaram participar do estudo informando seu consentimento de forma verbal. Foram excluídos os indivíduos que não possuísem capacidade cognitiva para responder ao inquérito, indivíduos não localizados durante a coleta de dados e indivíduos que não possuíam telefone.

Coleta de dados

Para a elaboração dos capítulos, um levantamento bibliográfico prévio foi realizado nas principais bases de dados, com propósito descrever o estado da arte da temática em questão, com protocolos de busca e seleção pré-estabelecidos, sob o ponto de vista teórico e contextual.

Em sequência, para a coleta de dados quantitativos, foi utilizado como instrumento de pesquisa, um questionário estruturado e previamente testado, composto por 14 questões, voltadas para a investigação do comportamento populacional diante ao novo coronavírus.

Por se tratar de uma temática recente, com poucos estudos relacionados, o questionário utilizado foi elaborado exclusivamente para esta pesquisa, com questões voltadas para o foco central. Um estudo piloto foi realizado para avaliar a aplicabilidade do instrumento e em seguida adequações foram efetuadas para atender as necessidades e limitações dos participantes.

Os dados foram coletados via telefone, de forma casual e aleatória, por pesquisadores previamente treinado, durante o período de isolamento social, compreendido entre março a dezembro de 2020.

O treinamento dos pesquisadores ocorreu durante a realização do estudo piloto, para que houvesse concordância com a abordagem e aplicação do questionário.

Análise Estatística

A fim de averiguar a prática da automedicação e a influência dos meios de comunicação no tratamento e prevenção da COVID-19, com o auxílio do Software Epi.Info 7.2, foi realizado o teste Qui-Quadrado, analisando a associação entre variáveis independentes, que tiveram p-valor $<0,050$, na análise bivariada com as variáveis dependentes, uso de medicamento preventivo e obtenção de informações por meio de mídias sociais. As variáveis categóricas foram representadas por frequências relativas e percentuais.

Para melhor organização, a pesquisa foi dividida em dois capítulos, sendo o primeiro voltado para a prática da automedicação e o segundo para a influência das mídias sociais.

Aspectos Legais e Éticos

O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CAEE: 02372318.6.0000.5420), cumprindo todos os princípios éticos para pesquisa com seres humanos, exigidos na resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde-Brasil, e em conformidade com a Declaração de Helsinque e Código de Nuremberg.

5 CAPÍTULO 1 - COVID-19: PREVALÊNCIA DA AUTOMEDICAÇÃO PREVENTIVA E SEUS FATORES ASSOCIADOS

*Formatado de acordo com a normas da Revista Contexto & Saúde

5.1 Resumo:

Diante da pandemia da COVID-19, a prática da automedicação, sustentada no medo e no insuficiente conhecimento científico, tem se tornado altamente habitual, configurando um problema de saúde pública. O objetivo deste estudo foi dimensionar a prevalência da prática da automedicação e os fatores associados, em população adulta hipertensa e diabética, acompanhada pela atenção primária à saúde, diante da mudança de estilo de vida em tempos de pandemia. Trata-se de um estudo epidemiológico, transversal e quantitativo, realizado na atenção primária em saúde em um município de porte médio, do Estado de São Paulo, com um total de 363 entrevistados. Como instrumento da coleta foi utilizado um questionário estruturado, aplicado via telefone. Para estatística foram empregadas a análise bivariada (Qui-quadrado) e frequências relativas e percentuais. Dos 363 participantes, 268 (73,83%) informaram ter tomado medicação para prevenção, dos quais 232 (86,56%) obtiveram tais medicamentos sem a prescrição médica, estabelecendo associação ao nível de escolaridade e idade ($p = <0.0001$). A média de idade observada foi de 62,49 anos e 44,08% possuíam ensino fundamental incompleto. Conclui-se que mais da metade dos pacientes pertencentes ao grupo de risco (hipertensão e diabetes) e assistidos pela atenção primária à saúde fez uso de medicamentos sem prescrição, demonstrando uma maior vulnerabilidade ao se tratar de idade e nível de conhecimento.

Palavras-chave: Automedicação. Medicamentos sem Prescrição. COVID-19. Coronavírus.

5.2 Abstract

In view of the COVID-19 pandemic, the practice of self-medication, based on fear and insufficient scientific knowledge, has become highly common, configuring a public health problem. The aim of this study was to assess the prevalence of self-medication and associated factors in an adult hypertensive and diabetic population, accompanied by primary health care, in view of the change in lifestyle in times of pandemic. This is an epidemiological, cross-sectional and quantitative study carried out in primary health care in a medium-sized city in the State of São Paulo, with a total of 363 respondents. As a collection instrument, a structured questionnaire was applied via telephone. For statistics, bivariate analysis (chi-square) and relative frequencies and percentages were used. Of the 363 participants, 268 (73.83%) reported having taken medication for prevention, of which 232 (86.56%) obtained such medication without a medical prescription, establishing an association with level of education and age ($p < 0.0001$). The average age observed was 62.49 years and 44.08% had not completed elementary school. It is concluded that more than half of the patients belonging to the risk group (hypertension and diabetes) and assisted by primary health care used over-the-counter medications, demonstrating a greater vulnerability in terms of age and level of knowledge.

Keyword: Self Medication; Nonprescription Drugs. COVID-19. Coronavirus.

5.3 Introdução

A ciência farmacológica sofreu enormes renovações nas últimas décadas. O final do século XIX e início do século XX foram fundamentais na evolução da farmacologia terapêutica, isso porque o avanço nas pesquisas e a promoção comercial das grandes corporações farmacêuticas tornaram esse setor um dos mais rentáveis, além de implicar em uma profunda mudança no curso da medicina ocidental¹.

Dessa forma, os medicamentos transformaram-se em um importante aliado no tratamento de doenças e consequentemente, no aumento da qualidade de vida das pessoas e na expectativa de cura para enfermidades até então consideradas fatais². Entretanto, mesmo diante do progresso farmacológico e da evolução constante da medicina mundial, os medicamentos que deveriam ser utilizados, mediados por profissionais habilitados, como instrumento para mitigar o sofrimento humano, tornaram-se uma solução imediata e eficaz para aliviar dores e indisposições constatadas pelo autodiagnóstico³.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) a prática da automedicação consiste no uso de medicamentos sem prescrição (naturais ou industrializados) para tratamento e/ou prevenção de sintomas de doenças constatadas pelo autodiagnóstico⁴, sendo tal ação um fenômeno comumente observado em diversos países⁵⁻⁷.

Essa realidade tem se tornado cada vez mais constante. Segundo uma pesquisa realizada pelo Conselho Federal de Farmácia (CFF), por meio do Instituto Data Folha, cerca de 77% dos brasileiros praticam a automedicação, sendo que 47% se automedica pelo menos uma vez por mês e 25% o fazem todos os dias ou pelo menos uma vez por semana⁸.

Associado a este cenário, após a Organização Mundial da Saúde (OMS) reconhecer a situação pandêmica ocasionada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2), em março de 2020⁹, as incertezas provenientes deste acontecimento levaram a população a um estado de vulnerabilidade física e emocional¹⁰, aumentando assim a busca por medicamentos e suplementos como tentativa de se prevenir da doença, ocasionando o fortalecimento da prática da automedicação¹¹.

Estes medicamentos, além de não possuírem comprovação científica de eficácia, seu uso superabundante tem ocasionado um aumento no número de pacientes com sintomas de intoxicação e reações adversas. Com o agravante de divulgações de informações ilusórias pelas mídias sociais, o colapso da saúde pública tem se intensificado¹².

Posto isso, objetivou-se com este estudo caracterizar a prática da automedicação preventiva e seus fatores associados, na população adulta e idosa, portadora de doenças crônicas, hipertensão e diabetes, diante da situação pandêmica ocasionada pelo novo corona vírus.

5.4 Metodologia

Trata-se de um estudo epidemiológico transversal, quantitativo, realizado de março a dezembro de 2020.

O universo amostral foi composto por uma população adulta e idosa, usuários do Sistema Único de Saúde (SUS), portadores de doenças crônicas (hipertensão e diabetes) que possuíam cadastro na Atenção Primária à Saúde, nas 17 unidades de um município de porte médio do interior do Estado de São Paulo

Os participantes foram abordados via telefone e responderam a um questionário estruturado, previamente testado e aplicado por um pesquisador treinado, durante o período de isolamento social decorrente a pandemia da COVID-19. O instrumento de coleta foi composto por questões sociodemográficas, perfil médico e prática de automedicação como forma de prevenção.

Para a obtenção da amostra, foram consultadas as bases de dados das Unidades Básicas de Saúde (UBS) do município e para viabilizar a coleta de dados, foram estabelecidos critérios de inclusão, que resultaram em 363 participantes.

Como critério de inclusão, foram incorporados à pesquisa todos os indivíduos que possuíam histórico de hipertensão e diabetes, com cadastro na Atenção Primária à Saúde, que possuíam capacidade cognitiva para responder ao questionário e que aceitaram participar do estudo, informando seu consentimento de forma verbal.

A fim de averiguar a prática da automedicação como forma de prevenção ao novo coronavírus e com o auxílio do Software Epi.Info 7.2, foi realizado o teste Qui-Quadrado, analisando a associação entre variáveis independentes, que tiveram p-valor $<0,050$, na análise bivariada com a variável dependente, uso de medicamento preventivo. As variáveis categóricas foram representadas por frequências relativas e percentuais.

O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da, (CAAE: 02372318.6.0000.5420), sendo realizado de acordo aos preceitos exigidos pela Declaração de Helsinque e Código de Nuremberg.

5.5 Resultados

Foram incluídos no estudo 363 indivíduos atendidos pelas Unidades Básicas Saúde (UBS), com faixa etária compreendida entre 32 a 95 anos de idade, dos quais 44,08% possuem ensino fundamental incompleto e 278 (76,58%) possuem hipertensão arterial sistêmica. (Tabela 1)

Tabela 1. Distribuição numérica e percentual da caracterização da amostra. São Paulo, Brasil, 2021.

Variável	n	%
Faixa etária		
18 a 35 anos	16	4,4
36 a 59 anos	116	31,95
60 anos ou mais	231	63,63
Escolaridade		
Ensino fundamental incompleto	160	44,08
Ensino fundamental completo	65	17,91
Ensino médio incompleto	80	22,04
Ensino médio completo	11	3,03
Ensino superior	47	12,95
Enfermidade		
Hipertensão Arterial	278	76,58
Diabetes tipo 1	4	1,10
Diabetes tipo 2	17	4,68
Hipertensão Arterial e Diabetes	64	17,63
Faz acompanhamento médico?		
Sim	349	96,14
Não	14	3,86
Enfermidade controlada		
Sim	344	94,77
Não	19	5,23

Fonte: Autores

No que se refere ao conhecimento e comportamento diante ao coronavírus, 268 (73,83%) informaram ter tomado medicação para prevenção, dos quais 232 (86,56%) obtiveram tais medicamentos sem a prescrição médica. (Tabela 2)

Tabela 2. Distribuição numérica e percentual do conhecimento sobre COVID-19. São Paulo, Brasil, 2021.

Variáveis	não		sim		não sei		total	
	n	%	n	%	n	%	n	%
Você acha que tem tratamento específico para COVID-19?	107	29,48	182	50,14	74	20,39	363	100
Você acha que o corona vírus tem cura específica?	52	14,33	213	58,68	98	27,00	363	100
Você tomou alguma medicação para prevenção?	87	23,97	268	73,83	8	2,20	363	100
Você comprou alguma medicação e guardou para utilizar caso contraia a doença?	307	84,57	56	15,43	0	0,00	363	100
Você comprou os medicamentos com receita médica?	319	87,88	44	12,12	0	0,00	363	100

Fonte: Autores

Após a aplicação de testes, associações estatísticas foram observadas entre a variável dependente (uso de medicamento preventivo) e faixa etária e nível de escolaridade. (Tabela 3)

Tabela 3. Análise bivariada dos fatores independentes em relação à variável dependente - uso de medicamentos preventivos para a COVID-19. São Paulo, Brasil, 2020.

Variáveis	Medicação preventiva								<0.05	
	Sim		Não		Não sei		Total			
	n	%	n	%	n	%	n	%		
Faixa etária										
18 a 35 anos	15	4,13	1	0,275	0	0	16	4,4		
36 a 59 anos	85	23,41	28	7,71	3	0,826	116	31,95		
60 anos ou mais	168	46,28	58	15,977	5	1,377	231	63,63	*0,0001	
Escolaridade										
Ensino fundamental incompleto	114	31,40	44	12,12	2	0,55	160	44,08		
Ensino fundamental completo	50	13,77	13	3,58	2	0,55	65	17,91	*0,0001	
Ensino médio incompleto	59	16,25	18	4,95	3	0,826	80	22,04		
Ensino médio completo	11	3,03	0	0	0	0	11	3,03		
Ensino superior	34	9,37	12	3,3	1	0,275	47	12,95		
Doença										
Hipertensão Arterial	206	56,74	64	17,63	8	2,2	278	76,58	*0,9887	
Diabetes tipo 1	3	0,83	1	0,275	0	0	4	1,10	*0,6461	
Diabetes tipo 2	13	3,58	4	1,1	0	0	17	4,68	*0,9711	
Hipertensão Arterial e Diabetes	46	12,67	18	4,958	0	0	64	17,63	*0,7225	
Você acha que tem tratamento para COVID-19?										
Sim	152	41,87	23	6,33	7	1,92	182	50,13	*0,6804	
Não	38	10,46	35	9,64	1	0,275	74	20,38		
Não sei	78	21,48	29	7,988	0	0	107	29,47		
Você acha que o corona vírus tem cura específica										
Sim	158	43,52	48	13,22	7	1,92	213	58,67	*0,9112	

	Não	35	9,64	16	4,4	1	0,275	52	14,32	
	Não sei	75	20,66	23	6,33	0	0	98	27,00	
Você comprou os medicamentos com receita médica?	Sim	36	9,91	8	2,2	0	0	44	12,12	
	Não	232	63,91	79	21,76	8	2,2	319	87,87	*0,9720

*Teste Qui-quadrado

Fonte: Autores

5.6 Discussão

Os piores desfechos ocasionados pela COVID-19 ocorrem entre indivíduos mais velhos, com doenças pré-existentes como diabetes e hipertensão, asma, doença pulmonar obstrutiva crônica, indivíduos fumantes, gestantes, pacientes com enfermidades hematológicas, doença renal crônica, câncer, obesidade e insuficiência cardíaca¹³. Sendo assim, torna-se de interesse o acompanhamento destes indivíduos para o monitoramento de seus hábitos e assim poder desenvolver campanhas de conscientização e prevenção mais diretas e eficazes.

O presente trabalho buscou caracterizar um determinado grupo de pacientes com doenças crônicas, hipertensão e diabetes, e assim verificar a dimensão da prática da automedicação e sua associação com variáveis independentes. Foram entrevistados 363 indivíduos, com idade entre 35 e 95 anos, maioria acima dos 60 anos (63,63%) e com ensino fundamental incompleto (44,08%). Os hipertensos somaram 76,58% da amostra, para 1,10% de diabéticos tipo 1, 4,68% de diabéticos tipo 2 e 17,63% possuíam as duas condições (hipertensão e diabetes). Independente da enfermidade, 96,14% estavam sob acompanhamento médico e 94,14% estavam com a afecção controlada.

Como destacado anteriormente, as infecções pelo novo corona vírus tornaram-se um preocupante problema para a saúde mundial, em razão do seu alto fator de contaminação e índice de mortalidade. Associada a inexistência de medicamentos específicos para tratamento ou prevenção, tal cenário gerou uma grave sobrecarga nos sistemas de saúde¹⁴.

Como tentativa de mitigar esse abalo, medidas comportamentais foram apontadas por diversos especialistas, como alternativa imediata e eficaz no combate ao novo coronavírus. A implementação destes planos de restrição de liberdade individual de fato contribuiu para a queda nos índices de contaminados e conseqüentemente com a queda da ocupação de leitos em hospitais. No entanto, acabou ocasionando conseqüências sociais e econômicas significativas que alteraram drasticamente o estilo de vida da população. O aumento do número de distúrbios psicológicos, tais como depressão, ansiedade, estresse e distúrbios alimentares, foram

observados em pessoas de diferentes idades, principalmente na fase adulta. A progressão destes comportamentos e sentimentos, associado ao medo constante de contrair o vírus e vir a óbito podem gerar reações exacerbadas como ataques de pânico e até suicídio¹⁵.

Essas e outras manifestações psicológicas, intensificadas com a distribuição em massa de informações errôneas sobre a COVID-19, acabaram por dificultar as campanhas de prevenção e geraram uma nova preocupação, com o aumento da prática da automedicação, principalmente preventiva¹⁶. Observou-se nesse estudo que 63,91% dos participantes, afirmaram ter tomado algum medicamento para COVID-19, sem prescrição médica.

O grande fluxo de informações e notícias falsas que são produzidas, compartilhadas e que se espalham de forma desenfreada pela internet, em um curto período de tempo, é conhecido como “Infodemia”. Este fenômeno afeta, principalmente indivíduos com baixo nível de alfabetização, sobretudo a alfabetização digital, fazendo com que pratiquem e dissipem ainda mais este conteúdo¹⁶⁻¹⁷. Questões socioeconômicas, também podem se correlacionar a este cenário¹⁸⁻¹⁹. Observou-se neste estudo que houve associação estatística significativa entre o fator idade e nível de escolaridade ($p = <0.0001$) com a prática da automedicação, sob influência das mídias sociais.

A razão para tais acontecimentos, pode ser justificada pela ineficiência e/ou ausência de programas de conscientização e combate a “fake news”, ou ainda pela falta de acesso a informações com linguagem clara e adaptada a este público.

Os medicamentos apresentados pelas mídias como eficazes para a COVID-19, tratam-se de fármacos aprovados e utilizados para tratamento de outras afecções e que poderiam surtir efeitos na prevenção e ou tratamento da COVID-19¹⁶. No entanto, a forma como essas informações foram expostas, principalmente na internet, de forma sensacionalista e distorcida, sustentadas em ilusórios argumentos, fez com que essas notícias se espalhassem pelo mundo todo, gerando um devaneio coletivo.

Diante de questões emocionais tão complexas, os indivíduos se tornam suscetíveis a tomarem decisões precipitadas e acabam se apegando a detalhes que tragam o mínimo de conforto e esperança. Estas informações, na maioria dos casos, são repletas de questões políticas e comerciais, ocultando os riscos e consequências possíveis à saúde. Assim como apresentado em estudos anteriores²⁰⁻²², onde os pacientes que praticam a automedicação não possuem conhecimento sobre os efeitos adversos que podem ser desencadeados pelo uso imoderado e recorrente de medicamentos.

Esses fármacos tiveram sua credibilidade aumentada quando foram apoiados e divulgados por profissionais da saúde, autoridades políticas e páginas oficiais do governo (Secretaria de Saúde, Ministério da Saúde e Governo Federal do Brasil)²³⁻²⁹. Não somente no Brasil, como em outros países, líderes governamentais se negaram a adotar medidas de isolamento social e mantiveram o discurso em apoio a condutas negacionistas, indo contra as recomendações da OMS³⁰. Além disso, o não uso máscaras corretas e a insistência em promover atos em meio a aglomerações, tem prejudicado o trabalho da comunidade científica séria em tentar conscientizar a população da real gravidade da situação³¹.

Mesmo após o anúncio da falta de evidência científica que justificassem o uso destes medicamentos, o padrão de consumo do chamado “kit-covid” ou “tratamento precoce”, permaneceu elevado. Segundo o Conselho Federal de Farmácia, medicamentos como a hidroxicloroquina (antimalárico), a ivermectina (vermífugo), nitazoxanida (antiparasitário) e azitromicina (antibiótico) tiveram um aumento expressivo nas vendas devido sua associação à prevenção a COVID-19³². Esses medicamentos, além de não possuírem eficácia comprovada para tratamento da COVID-19, seu uso desmedido pode e tem causado prejuízos severos ao organismo dos indivíduos que os consomem³³⁻³⁵.

Como exemplo, foi observado que a ivermectina apresentou um aumento nas vendas, passando de R\$ 44 milhões em 2019 para R\$ 409 milhões em 2020, com alta de 829%³⁶. Já a Hidroxicloroquina teve suas vendas aumentadas em 67,93% no Brasil, e num comparativo estabelecido pelo Conselho Federal de Farmácia³⁷, por estado, o estado do Pará apresentou um maior aumento, de 116%. No grupo aqui estudado, mesmo com 29,48% da amostra ter informado não acreditar em um tratamento específico para a COVID-19, 15,43% afirmou ter comprado e guardado algum medicamento para usar caso contraísse a doença.

Para a realização deste trabalho, foi levantada a hipótese de que pacientes pertencentes ao grupo de risco, teriam maior predisposição à prática da automedicação preventiva, como tentativa de se protegerem da COVID-19. Felizmente, não foi encontrada significância estatística entre a prática da automedicação preventiva e a presença de patologias como hipertensão e diabetes.

Por outro lado, ainda se observou certa fragilidade quanto ao hábito de se automedicar. Sem orientações adequadas por profissional qualificado, o risco do uso de medicamentos torna-se provável, incluindo interações medicamentosas, uso de medicamento para a indicação

errada, reações adversas, dosagens incorretas e em casos de altas dosagens, toxicidade cardiovascular^{34,38}.

Entre as principais consequências deste consumo desmedido de medicamentos, observa-se o aumento dos casos de intoxicação medicamentosa. A sobrecarga nos sistemas metabólicos para estas substâncias faz com que o organismo se torne incapaz de completar o processo de excreção. Esta queda da eliminação acarreta no acúmulo de prolongado de substratos no organismo gerando sintomas como náuseas, cefaleia, vômitos, lesões nos túbulos renais, danos ao sistema nervoso até a necessidade de transplantes renais e hepáticos³⁸.

Em casos de uso prolongado de Ivermectina, são observados sintomas gastrointestinais, hipotensão, ataxia, rabdomiólise e até mesmo o coma³⁹. Em outras partes do mundo, foram registrados casos de intoxicação e overdose por medicamento, com consequências ainda mais severas, como o caso de morte no Arizona, Estados Unidos, de um homem que fez uso de Cloroquina⁴⁰.

Outro desfecho deste quadro refere-se ao esgotamento destes fármacos em farmácias, prejudicando e/ou impedindo o tratamento de pacientes que já faziam uso controlado destes medicamentos, como ocorreu com a Hidroxicloroquina⁴¹.

Anteriormente a pandemia, o Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas (SINITOX), já mostravam que 33,17% das intoxicações registradas eram causadas por medicamentos e era a causa de 19% de óbitos⁴²⁻⁴³. A falta de fiscalização e critérios na comercialização de medicamentos, facilita o acesso da população a estas substâncias, permitindo a estocagem e uso autônomo, principalmente quando se encontra dificuldade de acesso a atendimentos e serviços de saúde, devido à alta demanda⁴⁴⁻⁴⁵.

Estudos demonstram que a baixa frequência do hábito da leitura da bula e a dificuldade de compreensão, podem ser considerados fatores contribuintes para a prática da automedicação⁴⁶. Tais instrumentos, desenvolvidos para orientar sobre o manejo correto de medicamentos, efeitos adversos e possíveis interações, possuem uma linguagem técnica, não inclusiva, o que acaba por inutilizá-la^{44,46-47}.

No ensejo de cessar estes acontecimentos, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) tomou a decisão de restringir e controlar a venda de certos medicamentos por meio da Portaria SVS/MS nº 344, de 12 de maio de 1998⁴⁸. Hidroxicloroquina (RDC 351/2020)⁴⁹,

fosfato de cloroquina (RDC 351/2020)⁴⁹ e a nitazoxanida (RDC 372/2020)⁵⁰, somente poderão ser adquiridos sob prescrição médica.

Medidas como estas são um importante começo para solucionar estas questões. Promover campanhas de conscientização de medidas sanitárias eficazes, incentivo e financiamento a vacinação, sempre em acordo com recomendações científicas confiáveis, podem melhorar consideravelmente a situação da saúde pública.

Dentre as limitações observadas no presente estudo, destaca-se a limitação do instrumento de coleta, devido a inaplicabilidade via telefone de instrumentos longos, considerando o interesse do grupo estudado. Outro fator limitante, refere-se à ausência de um grupo controle, não pertencente ao grupo de risco hipertensão e diabetes, para se estabelecer comparativos entre os comportamentos.

5.7 Conclusão

Conclui-se que mais da metade dos pacientes pertencentes ao grupo de risco (hipertensão e diabetes) e assistidos pela atenção primária à saúde fez uso de medicamentos sem prescrição, demonstrando uma maior vulnerabilidade ao se tratar de idade e nível de conhecimento.

5.8 Referência

- 1- Albaladejo FM, Díez BJ.(2002). Aspectos sociológicos del empleo de medicamentos In: Albaladejo FM, Díez BJ, organizadores. Principios de Farmacología Clínica. Barcelona: Masson.
- 2- Arrais PSD, Fernandes MEP, Pizzol TS, Ramos LR, Mengue SS, Luiza VL, Tavares NULeão, Farias MR, Oliveira MA; Bertoldi AD. Prevalence of self-medication in Brazil and associated factors. Revista de Saúde Pública. 2016; 50(2):5-8.
- 3- Melo DO, Ribeiro E, Storpirtis S. A importância e a história dos estudos de utilização de medicamentos. Rev. Bras. Cienc. Farm. 2006; 42(4): 475-485.
- 4- World Health Organization. (1998). The Role of the pharmacist in self-care and self-medication: report of the 4th WHO Consultative Group on the Role of the Pharmacist, The Hague, The Netherlands. Geneva: World Health Organization.

- 5- Malik M, Tahir MJ, Jabbar R, Ahmed A, Hussain R. Self-medication during Covid-19 pandemic: challenges and opportunities. *Drugs Ther Perspect.* 36, 565-7.
- 6- Quispe-Cañari JF, Fidel-Rosales E, Manrique D, Mascaró-Zan J, Huamán-Castillón KM, Chamorro-Espinoza SE, et al. Self-medication practices during the COVID-19 pandemic among the adult population in Peru: a cross-sectional survey. *Saudi Pharm J*; 2021, 29, 1-11.
- 7- Melo JRR, Duarte EC, Moraes MV, Fleck K, Arrais PSD. Automedicação e uso indiscriminado de medicamentos durante a pandemia da COVID-19. *Cadernos de Saúde Pública.* 2021, 37(4), e00053221.
- 8- Conselho Federal de Farmácia. Levantamento mostra como o medo da Covid-19 impactou venda de medicamentos. (2020). Disponível em: <https://www.cff.org.br/noticia.php?id=5747#:~:text=Uma%20pesquisa%20realizada%20pelo%20Conselho,ao%20estudo%2C%20feito%20em%202019>
- 9- World Health Organization. Director-General's opening remarks at the media briefing on COVID-19 - 11 March 2020. 2020. Disponível em: <https://www.who.int/director-general/speeches/detail/who-director-general-s-opening-remarks-at-the-media-briefing-on-covid-19---11-march-2020>
- 10- Samuel SR, Kuduruthullah S, Khair AMB, Shayeb MA., Elkaseh A, Varma SR, Nadeem G, Elkhader IA, Ashekhi A. Impact of pain, psychological-distress, SARS-CoV2 fear on adults' OHRQOL during COVID-19 pandemic. *Saudi Journal of Biological Sciences.* 2021; 28(1), 492-494.
- 11- World Health Organization. Folha informativa –COVID-19 (doença causada pelo novo coronavírus). Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875.
- 12- G1. (2021). Hepatite medicamentosa: entenda intoxicação pelo 'kit Covid' que levou paciente de Campinas à fila do transplante. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2021/03/25/hepatite-medicamentosa-entenda-intoxicacao-pelo-kit-covid-que-levou-paciente-de-campinas-a-fila-do-transplante.ghtml>
- 13- Hossain MM, Sultana A, Purohit N. (2020). Mental health outcomes of quarantine and isolation for infection prevention: A systematic umbrella review of the global evidence. *PsyArXiv.* 2021; 1–27. doi: <https://doi.org/10.31234/OSF.IO/DZ5V2OPAS>.

- 14- Nabuco G, Oliveira MHPP, Afonso MPD. O impacto da pandemia pela COVID-19 na saúde mental: qual é o papel da Atenção Primária à Saúde. Ver. Bras. Med. Fam Comunidade. 2020; 15(42).
- 15- Santos Pinto CDB, Miranda ES, Castro CGSO. O “kit-covid” e o Programa Farmácia Popular do Brasil. Cad. Saúde Pública, 2021; Rio de Janeiro, 37(2).
- 16- Junior JHS, Raasch M, Soares JC, Ribeiro LVHAS. Da desinformação ao caos: uma análise das fake News frente à pandemia do Coronavírus (COVID-19) no Brasil. Cadernos de Prospecção. 2020; 13 (2): 331-346. doi: <http://dx.doi.org/10.9771/cp.v13i2%20COVID-19.35978>
- 17- Zarocostas J. How to fight an infodemic. The Lancet. 2020; 395 (10225): 676. [https://dx.doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)30461-X](https://dx.doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30461-X) 13. Wong A. COVID-19 and toxicity from potential treatments: panacea or poison. EMA. 2020; 32(4): 697- 699. <https://dx.doi.org/10.1111/1742-6723.13537>
- 18- Kassie AD, Bifftu BB, Mekonnen HS. Self-medication practice and associated factors among adult household members in Meket district, Northeast Ethiopia, 2017. BMC Pharmacol Toxicol 2018; 19(1): 15.
- 19- Torres NF, Chibi B, Middleton LE et al. Evidence of factors influencing self-medication with antibiotics in low and middle-income countries: a systematic scoping review. Public Health 2019; 168: 92–101.
- 20- Mehuys E, Crombez G, Paemeleire K et al. Self-medication with over-the-counter analgesics: a survey of patient characteristics and concerns about pain medication. J Pain 2019;20:215–223.
- 21- Brusa P, Allais G, Scarinzi C, et al. Self-medication for migraine: A nationwide crosssectional study in Italy. PLoS One 2019;14:e0211191.
- 22- Mittal P, Chan OY, Kanneppady SK, et al. Association between beliefs about medicines and self-medication with analgesics among patients with dental pain. PLoS One 2018;13:e0201776.
- 23- Associação Médicos pela Vida faz manifesto sobre tratamento precoce. <https://portalhospitaisbrasil.com.br/associacao-medicos-pela-vida-faz-manifesto-sobre-tratamento-precoce/>
- 24- Batista EL. Grupo de médicos defende tratamento sem eficácia comprovada contra Covid-19 em jornais. Folha de S.Paulo 2021; 23 fev. <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/02/grupo-de-medicos-defende-tratamento-precoce-sem-eficacia-contracovid-19-em-jornais.shtml>

- » <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/02/grupo-de-medicos-defende-tratamento-precocesem-eficacia-contra-covid-19-em-jornais.shtml>
- 25- Bolsonaro insiste em "tratamento precoce" contra Covid-19 mesmo sem comprovação; não há medicamentos para prevenir a doença, mostram estudos. G1 2021; 15 jan. <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/01/15/bolsonaro-insiste-em-tratamento-precocesem-comprovacao-contra-a-covid-estudos-mostram-que-nao-ha-prevencao-contra-a-doenca-com-ajuda-de-medicamentos.ghtml>
- » <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/01/15/bolsonaro-insiste-em-tratamento-precocesem-comprovacao-contra-a-covid-estudos-mostram-que-nao-ha-prevencao-contra-a-doenca-com-ajuda-de-medicamentos.ghtml>
- 26- Secretaria de Saúde de Natal recomenda usar Ivermectina para prevenir e tratar coronavírus. AgoraRN 2020; 6 jun. <https://agorarn.com.br/geral/secretaria-de-saude-de-natal-recomenda-usar-ivermectina-para-prevenir-e-tratar-coronavirus-saiba-como/>
- » <https://agorarn.com.br/geral/secretaria-de-saude-de-natal-recomenda-usar-ivermectina-para-prevenir-e-tratar-coronavirus-saiba-como/>
- 27- Secretaria de Estado de Saúde do Amazonas. SES-AM auxilia Prefeitura de Manaus com doação de medicamentos e EPIs. <http://www.saude.am.gov.br/visualizar-noticia.php?id=5559> (acessado em 26/Fev/2021).
- » <http://www.saude.am.gov.br/visualizar-noticia.php?id=5559>
- 28- Secretaria de Saúde começa distribuição de ivermectina em Redenção. <https://redencao.pa.gov.br/noticia/1130/Secretaria-de-Saude-comeca-distribuicao-de-Ivermectina-em-Redencao> (acessado em 26/Fev/2021).
- » <https://redencao.pa.gov.br/noticia/1130/Secretaria-de-Saude-comeca-distribuicao-de-Ivermectina-em-Redencao>
- 29- Sanar Medicina. Tratamento precoce da COVID-19 no Distrito Federal. <https://www.sanarmed.com/tratamento-precoces-da-covid-19-no-distrito-federal> (acessado em 27/Fev/2021).
- » <https://www.sanarmed.com/tratamento-precoces-da-covid-19-no-distrito-federal>
- 30- Neto M, Gomes TO, Porto FR, Rafael RMR, Fonseca MHS, Nascimento J. Fake News no cenário da pandemia de COVID-19. *Cogitare enferm.* 2020. 25:e722627. <http://dx.doi.org/10.5380/ce.v25i0.72627>
- 31- Caldeira C. (2020). Informações simplistas e negacionismo levaram à baixa adesão ao isolamento. [publicação online] 2020 [acesso em 29 jul 2020]. Disponível em: <https://>

jornal.usp.br/atualidades/informacoes-simplistas-enegacionismo-levaram-a-baixa-adesao-ao-isolamento/

- 32- CFO. Nota aos farmacêuticos e à sociedade. Conselho Federal de Farmácia SHIS QI 15 Lote L - Lago Sul / Brasília - DF - Brasil Aprovada por unanimidade, na 500ª Reunião Plenária Ordinária do Conselho Federal de Farmácia em 28 de janeiro de 2021 DISPONIVEL EM: [https://www.cff.org.br/userfiles/nota_carta\(3\).pdf](https://www.cff.org.br/userfiles/nota_carta(3).pdf)
- 33- Pereira MD et al. The COVID-19 pandemic, social isolation, consequences on mental health and coping strategies: an integrative review. *Research, Society and Development*. 2020; 9(7).
- 34- Imperador CHL et al. Cloroquina e hidroxiclороquina associado ao zinco e/ou azitromicina na COVID-19. *Ulakes Journal Medicine*. 2020; 1:67-73.
- 35- Lima RC. Distanciamento e isolamento sociais pela Covid-19 no Brasil: impactos na saúde mental. *Revista de Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro. 2020; 30(20).
- 36- Scaramuzzo M. Venda de remédios do 'kit covid' movimentou R\$ 500 mi em 2020. *Valor Econômico* 2021; 5 fev. <https://valor.globo.com/empresas/noticia/2021/02/05/venda-de-remedios-do-kit-covid-movimentou-r-500-mi-em-2020.ghtml>
» <https://valor.globo.com/empresas/noticia/2021/02/05/venda-de-remedios-do-kit-covid-movimentou-r-500-mi-em-2020.ghtml>
- 37- Conselho Federal de Farmácia - Brasil - Notícia: 30/04/2020 - Levantamento mostra como o medo da COVID-19 impactou venda de medicamentos [Internet]. *Cff.org.br*. 2020 [cited 27 May 2020]. Available from: <http://www.cff.org.br/noticia.php?id=5747>
- 38- White NJ, Watson JA, Hoglund RM, Chan XHS, Cheah PY, Tarning J. COVID-19 prevenção e tratamento: Uma análise crítica da cloroquina e hidroxiclороquina farmacologia clínica. *PLoS Med*. 2020; 17(9).
- 39- Wong A. COVID-19 and toxicity from potential treatments: panacea or poison. *EMA*. 2020; 32(4): 697- 699. <https://dx.doi.org/10.1111/1742-6723.13537>
- 40- Guimarães AS, Carvalho WRG. Desinformação, negacionismo e automedicação: a relação da população com as drogas “milagrosas” em meio à pandemia da COVID-19. *InterAm J Med Health* 2020;3:e202003053.
- 41- Cavalheiro AH, Ungari AQ. Análise da automedicação no cenário da COVID-19: uma revisão sistemática rápida. *Revista Qualidade HC*. 2020; 21-28.
- 42- [Internet]. *Sinitox.icict.fiocruz.br*. 2020 [cited 27 May 2020]. Available from: https://sinitox.icict.fiocruz.br/sites/sinitox.icict.fiocruz.br/files//Brasil9_9.pdf

- 43- Bochner R, Farza H. Casos de intoxicação por medicamentos registrados pelo sistema nacional de notificações para a vigilância sanitária (NOTIVISA) [Internet]. Arca.fiocruz.br. 2009 [cited 27 May 2020]. Available from: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/480>
- 44- Gualano MR, Bert F, Passi S et al. Use of self-medication among adolescents: a systematic review and meta-analysis. *Eur J Public Health* 2015;25(3):444-50.
- 45- Burdette AM, Needham BL, Taylor MG et al. Health lifestyles in adolescence and self-rated health into adulthood. *J Health Soc Behav* 2017;58:520-36.
- 46- Tesfamariam S, Anand IS, Kaleab G et al. Self-medication with over the counter drugs, prevalence of risky practice and its associated factors in pharmacy outlets of Asmara, Eritrea. *BMC Public Health* 2019;19:159.
- 47- Faggiani FT, Schroeter G, Pacheco SL et al. Profile of drug utilization in the elderly living in Porto Alegre. *Pharm Pract.* 2007; 5:179-84.
- 48- Brasil. Ministério da Saúde. Portaria nº 344, de 12 de maio de 1998. Aprova o Regulamento Técnico sobre substâncias e medicamentos sujeitos a controle especial.
- 49- Brasil. Ministério da Saúde. RDC nº 351, de 20 de março de 2020. Atualiza o Anexo 1 (Listas de Substâncias Entorpecentes, Psicotrópicas, Precursoras e Outras sob Controle Especial) da Portaria SVS/MS nº 344, de 12 de maio de 1998, e dá outras providências.
- 50- Brasil. Ministério da Saúde. RDC nº 372, de 15 de abril de 2020. Atualiza o Anexo 1 (Listas de Substâncias Entorpecentes, Psicotrópicas, Precursoras e Outras sob Controle Especial) da Portaria SVS/MS nº 344, de 12 de maio de 1998, e dá outras providências.

6 CAPÍTULO 2 – IMPACTO DAS MÍDIAS SOCIAIS EM TEMPOS DE PANDEMIA DA COVID-19: ASSOCIAÇÃO ENTRE DIVULGAÇÃO DE INFORMAÇÕES E O USO DE MEDICAMENTOS SEM PRESCRIÇÃO

6.1 Resumo

Objetivou-se identificar a influência das mídias sociais no comportamento da população no que se refere ao uso de medicamentos sem prescrição como medida preventiva a COVID-19. Trata-se de um estudo transversal, realizado com pacientes hipertensos e diabéticos, da Atenção Básica a Saúde, de um município do noroeste do estado de São Paulo. Para a coleta de dados foi aplicado um questionário estruturado, via telefone, no período de março a dezembro de 2020, durante o isolamento social em função da COVID-19. Foram investigadas variáveis sociodemográficas, referentes a saúde e relacionadas aos meios de comunicação. Os dados foram analisados em percentuais e aplicado o teste do Qui-Quadrado, no Programa EpiInfo 7.2. Participaram da pesquisa 363 pacientes, onde 76,58% possuíam hipertensão, 1,10% diabetes tipo 1, 4,68% diabetes tipo 2 e 17,63% possuíam ambas patologias. A média de idade foi de 62,49 anos e a maioria (44,8%) possuía um baixo nível de escolaridade, não chegando a completar o ensino fundamental. Sobre a COVID-19, 24% dos indivíduos afirmaram ter recebido mais informações sobre a doença via mídias sociais, 29% citaram TV e 18% rádio. Em relação à por onde prefeririam receber essas informações, 8% citaram enfermeiros, 16% dentistas, 19% médicos e 19% posto de saúde. Observou-se significância estatística entre influência das mídias sociais e escolaridade ($p=0,0066$), tratamento específico ($p=0,0001$) e cura específica ($p=0,0001$). Os resultados sugerem que as mídias sociais influenciam diretamente no comportamento da população, principalmente nas que possuem um menor nível de escolaridade e maior idade, podendo interferir em questões sérias, como a saúde.

Palavras-chave: COVID-19; Mídias Sociais; Automedicação; Pandemias. Coronavírus.

6.2 Abstract

The objective was to identify the influence of social media on the population's behavior regarding the use of over-the-counter medications as a preventive measure to COVID-19. This is a cross-sectional study, involving hypertensive and diabetic patients, from Primary Health Care, in a municipality in the northwest of the state of São Paulo. For data collection, a structured questionnaire was applied, by telephone, from March to December 2020, during social isolation due to COVID-19. Sociodemographic, health and media-related variables were investigated. Data were analyzed in percentages and the Chi-Square test was applied in the EpiInfo 7.2 Program. 363 patients participated in the research, where 76.58% had hypertension, 1.10% type 1 diabetes, 4.68% type 2 diabetes and 17.63% had both pathologies. The average age was 62.49 years and the majority (44.8%) had a low level of education, not completing elementary school. About COVID-19, 24% of individuals said they had received more information about the disease via social media, 29% cited TV and 18% radio. Regarding where they would prefer to receive this information, 8% mentioned nurses, 16% dentists, 19% doctors and 19% health post. Statistical significance was observed between the influence of social media and education ($p=0.0066$), specific treatment ($p=0.0001$) and specific cure ($p=0.0001$). The results suggest that social media directly influence the behavior of the population, especially those with a lower level of education, and may interfere with serious issues such as health.

Keywords: COVID-19; Social Media; Self Medication; Pandemics. Coronavirus.

6.3 Introdução

A popularização da Internet e os movimentos de globalização tecnológica permitiram o fortalecimento da comunicação social e a aproximação das pessoas ao conhecimento dos mais variados conteúdos. Dois dos fenômenos mais relevantes da atualidade, presentes no cotidiano de grande parte da população mundial são as redes sociais e as ferramentas de pesquisa online que possibilitam descobertas e trocas de informações imediatas. O uso indiscriminado dessa tecnologia tem gerado mudanças consideráveis na vida das pessoas, de modo a alterar a forma de ser, pensar e agir¹.

Um dos assuntos mais pesquisados e comentados na Internet são relacionados a Medicina e Saúde². A população manifesta grande interesse por temas com qualidade de vida, prevenções, tratamentos e diagnósticos. Essa busca incessante por soluções imediatas sem nenhuma cautela ou supervisão de um profissional habilitado na área pode gerar consequências irreversíveis. Segundo uma pesquisa realizada em 2018 pelo Instituto de Ciência, Tecnologia e Qualidade (ICTQ), 40% dos brasileiros fazem autodiagnóstico médico pela internet³. As pessoas preferem buscar informações sobre os sintomas de doenças nas ferramentas de busca online a se consultarem com um profissional especializado. A justificativa apresentada, geralmente está ligada a falta de tempo, ao imediatismo ou mesmo como efeito da revolução digital.

Com o reconhecimento da pandemia pelo coronavírus (SARS-CoV-2), pela Organização Mundial de Saúde (OMS), em março de 2020⁴ e consequentemente com a inexistência de informações científicas sobre as medidas de prevenção e de terapias específicas para o tratamento dos casos confirmados, as pessoas iniciaram uma busca descontrolada por soluções que pudessem auxiliar no combate ao vírus ou evitar a sua contaminação.

Assim, no bojo do estado de calamidade instalado na saúde pública mundial, diversas notícias foram publicadas nos meios de comunicação e repassadas, principalmente, por meio dos aplicativos de mensagens instantâneas, com a promessa de cura ou prevenção ao coronavírus. Essas notícias, em geral, são falsas ou sem nenhuma comprovação científica e ao serem absorvidas pela população torna o problema da contaminação pelo vírus ainda mais sério, uma vez que certas atitudes

podem gerar a perda da eficácia das medidas preventivas ou proporcionar um falso sentimento de proteção⁵.

Nesse sentido, uma lista de medicamentos utilizados no tratamento de outras doenças foi cogitada e começou a circular por toda a Internet, como possibilidade de terapia e prevenção, tais como hidroxicloroquina, ivermectina, nitazoxanida, azitromicina e alguns corticoides, popularmente denominado de “kit-covid”⁶. Na farmacologia o reposicionamento de fármacos é uma prática comum, isso significa que o uso de medicamentos comprovadamente eficazes em determinadas doenças pode ser utilizado fora da indicação médica original no intuito de buscar por tratamentos alternativos⁷. Esse procedimento, no entanto, deve ser feito com cautela, por longas pesquisas certificadas e profissionais especializados.

Dado a emergência de saúde pública em escala global causada por um vírus de alta taxa de contaminação, não houve tempo hábil para estudos aprofundados, de forma que não existem evidências científicas que fundamentem o uso dessas substâncias no caso específico da COVID-19⁸.

Mesmo diante da ausência de comprovação científica, foi possível notar um aumento significativo no índice de vendas de alguns medicamentos e vitaminas, sem nenhuma prescrição médica⁹. A expansão deste mercado está ligada direta ou indiretamente ao conflito de informações cientificamente não comprovadas que circulam nas redes sociais e que muitas vezes são embasadas por figuras públicas, como autoridades governamentais ou influenciadores da internet, que não possuem qualificação adequada para prescrição dessas drogas¹⁰. Assim, o consumo indiscriminado, sem orientação médica desses fármacos pode gerar sérios riscos, como a interação medicamentosa, administração incorreta, super dosagem e intoxicação, além de consequências irreversíveis no estado de saúde da pessoa¹¹.

Partindo da lógica da enorme difusão de informações sobre a pandemia e as medidas de prevenção e cura culminada com a crescente busca por medicamentos e vitaminas, pode-se inferir a possibilidade de que tais informações podem gerar interferências no comportamento das pessoas. Posto isso, esta pesquisa visa identificar a influência que as mídias sociais exercem no comportamento da população no que se refere ao uso de medicamentos sem prescrição médica como medida preventiva de enfermidades, tendo em vista que, geralmente, os meios de

comunicação são utilizados como canais de recomendação de fármacos por pessoas que não possuem qualificação técnica adequada.

6.4 Metodologia

Caracterização do estudo.

Realizou-se um estudo epidemiológico transversal no período entre março e dezembro de 2020, em um município de porte médio, localizado no noroeste do estado de São Paulo.

O universo amostral foi composto por usuários das 17 unidades de Atenção Primária à Saúde, que possuíam histórico de hipertensão e diabetes. Diante a necessidade de viabilizar a coleta, foram estabelecidos critérios de inclusão que resultaram em um universo amostral de 363 indivíduos.

De acordo com os critérios de inclusão, foram incorporados à pesquisa todos os indivíduos que possuíam histórico de hipertensão e diabetes, com cadastro na Atenção Primária à Saúde e que aceitaram participar do estudo, informando seu consentimento verbalmente. Foram excluídos os indivíduos que não possuísem capacidade cognitiva para responder ao inquérito e indivíduos não localizados durante a coleta de dados.

Coleta dos dados

O estudo foi realizado via telefone, de forma aleatória e casual, conduzido por um pesquisador previamente treinado. As entrevistas foram feitas no período de março a dezembro de 2020, estabelecendo-se o critério máximo de 4 tentativas de contato, por participante.

Foi utilizado como instrumento de pesquisa um questionário estruturado, com o objetivo de inquirir sobre as características sociodemográficas e histórico médico-comportamental, ocorridos no período de isolamento social, ocasionado pela pandemia da COVID-19.

Análise estatística

A fim de averiguar a influência dos meios de comunicação no tratamento e prevenção da COVID-19, com o auxílio do Software Epi.Info 7.2, foi realizado o teste Qui-Quadrado, analisando a associação entre variáveis independentes, que tiveram p-valor $<0,050$, na análise bivariada com a variável dependente, obtenção de informações por meio de mídias sociais. As variáveis categóricas foram representadas por frequências relativas e percentuais.

Aspectos éticos e legais

Todos os participantes foram orientados sobre os objetivos e finalidades do estudo, sendo este trabalho aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CAEE: 02372318.6.0000.5420), cumprindo todos os princípios éticos para pesquisa com seres humanos, exigidos na resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde-Brasil, e em conformidade com a Declaração de Helsinque e Código de Nuremberg.

6.5 Resultados

Participaram da pesquisa 363 pacientes, onde 76,58% possuíam hipertensão, 1,10% diabetes tipo 1, 4,68% diabetes tipo 2 e 17,63% possuíam ambas patologias, sendo todos cadastrados na atenção básica a saúde. As idades variaram de 32 a 95 anos, com média de 62,49 anos e com desvio padrão de 12,8 anos. Observou-se que a maioria dos participantes (44,8%) possuíam um baixo nível de escolaridade, não chegando a completar o ensino fundamental (Tabela1).

Tabela 1. Caracterização amostral: distribuição numérica e percentual. São Paulo, Brasil, 2021.

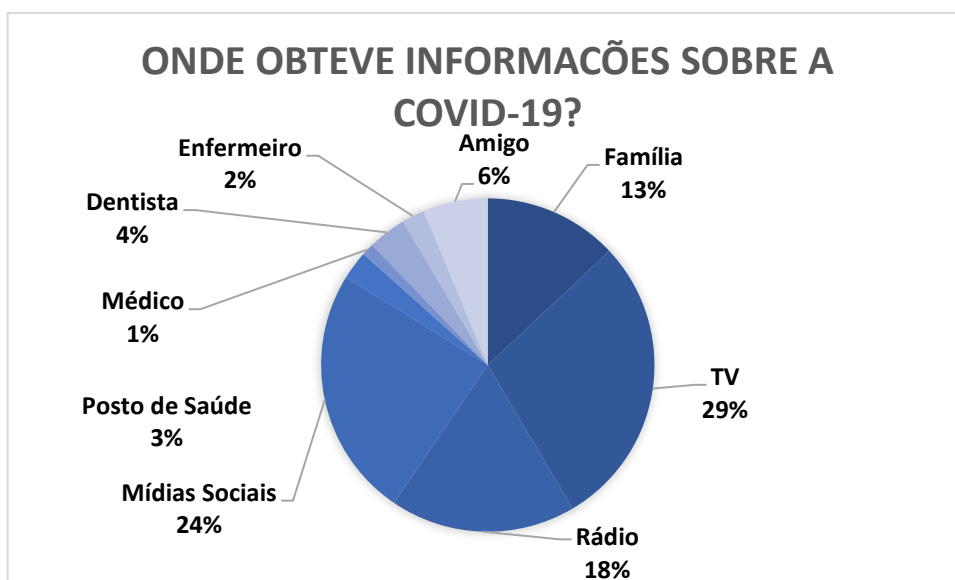
Variável	n	%
Faixa etária		
18 a 35 anos	16	4,4
36 a 59 anos	116	31,95
60 anos ou mais	231	63,63
Escolaridade		
Ensino fundamental incompleto	160	44,08
Ensino fundamental completo	65	17,91
Ensino médio incompleto	80	22,04
Ensino médio completo	11	3,03

Ensino superior	47	12,95
Enfermidade		
Hipertensão Arterial	278	76,58
Diabetes tipo 1	4	1,10
Diabetes tipo 2	17	4,68
Hipertensão Arterial e Diabetes	64	17,63
Faz acompanhamento médico?		
Sim	349	96,14
Não	14	3,86
Patologia controlada		
Sim	344	94,77
Não	19	5,23

Fonte: Autores

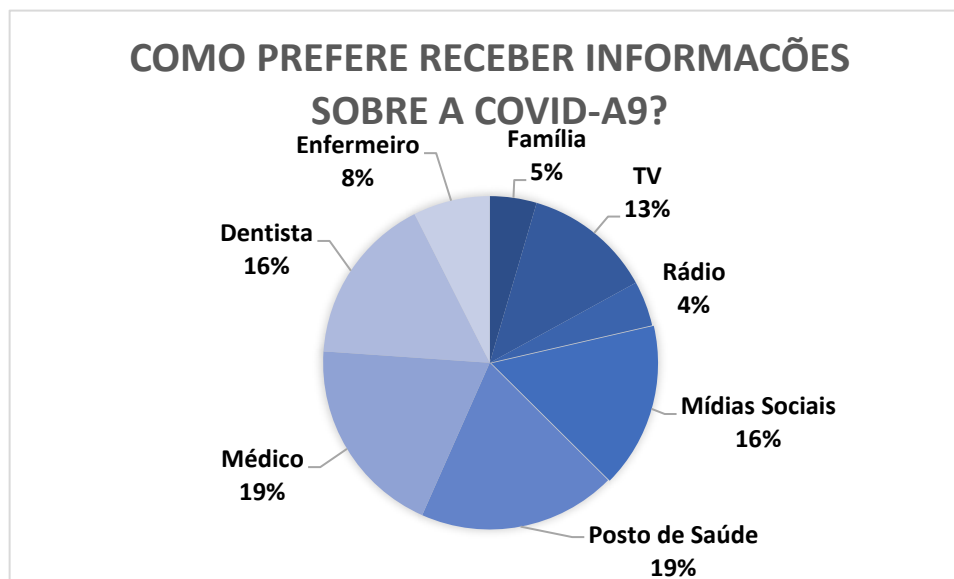
No que diz respeito aos conhecimentos referentes a COVID-19, observa-se que 24% afirma ter recebido informações via Mídias Sociais, equivalendo a maioria da amostra (Gráfico 1). Quando questionados sobre por qual meio prefeririam receber informações sobre a COVID-19, posto de saúde (UBS- Unidade Básica de Saúde) e Médico, se igualaram em 19% (Gráfico 2).

Gráfico 1: Distribuição percentual sobre a obtenção de informações sobre COVID-19. São Paulo, Brasil, 2021.



Fonte: Autores

Gráfico 2: Distribuição percentual sobre como preferem obter informações sobre COVID-19. SP, Brasil, 2021.



Fonte: Autores

Em relação aos testes de associação, observa-se que houve significância estatística entre a variável dependente (recebeu informações por meio de mídias sociais) e escolaridade ($p=0,0066$), tratamento específico ($p=0,0001$) e cura específica ($p=0,0001$) (Tabela 2).

Tabela 2. Análise bivariada dos fatores independentes em relação à variável dependente - Recebeu informações sobre COVID-19 pelas Mídias Sociais. São Paulo, Brasil, 2021.

Variáveis	Recebeu informações sobre COVID-19 pelas Mídias Sociais						<0.05
	Sim		Não		Total		
	n	%	n	%	n	%	
Faixa etária							
18 a 35 anos	13	3,58	3	0,82	16	4,40	*0,3589
36 a 59 anos	76	20,93	30	8,26	106	29,20	
60 anos ou mais	154	42,42	87	23,96	241	66,39	
Escolaridade							
Ensino fundamental incompleto	96	26,44	64	17,63	160	44,07	*0,0066
Ensino fundamental completo	45	12,39	20	5,50	65	17,9	
Ensino médio incompleto	8	2,20	4	1,10	12	3,30	
Ensino médio completo	56	15,42	23	6,33	79	21,76	
Ensino superior	38	10,46	9	2,47	47	12,94	

Você acha que tem
tratamento específico para
COVID-19?

Sim	113	31,12	69	19,00	182	50,13	*<0.0001
Não	50	13,77	24	6,61	74	19,55	
Não sei	80	22,03	27	7,43	107	29,47	

Você acha que o corona
vírus tem cura específica?

Sim	138	38,01	75	20,66	213	58,67	*<0.0001
Não	33	9,09	19	5,23	52	14,32	
Não sei	72	19,83	26	7,16	98	26,99	

Você tomou alguma
medicação para
prevenção?

Sim	192	52,89	76	20,93	268	73,82	
Não	46	12,67	41	11,29	87	23,96	*0,4885
Não sei	5	1,37	3	0,82	8	2,20	

Você comprou alguma
medicação e guardou
para utilizar caso contraia
a doença?

Sim	47	12,94	9	2,47	56	15,42	
Não	195	53,71	112	30,85	307	84,57	*0,8814

Você acha que seu
conhecimento sobre a
COVID-19 é suficiente para
conseguir se prevenir?

Sim	144	39,66	70	19,29	214	58,95	
Não	73	20,11	31	8,53	104	28,65	*0,3931
Não sei	26	7,16	19	5,23	45	12,39	

Fonte: Autores

6.6 Discussão

O cenário de crise sanitária mundial imposto pela pandemia da COVID-19 (Sars-Cov-2) destacou um fenômeno denominado de Infodemia¹², que consiste na difusão excessiva de informações, algumas fundamentadas e outras não, cujo crescimento exponencial em um curto espaço de tempo impossibilita a apuração das fontes e a certificação dos conteúdos como confiáveis ou não.

A popularização de aparelhos tecnológicos ligados em rede possibilitou uma reconfiguração da comunicação em massa, tendo em vista que as informações abrangem um número ilimitado de pessoas por meio de incontáveis plataformas e mídias. Assim, verifica-se que é incontestável o número de pessoas que buscam por

informações sobre temas cruciais nos meios digitais sem aferição adequada das fontes. De acordo com Limaye e colaboradores (2020)¹³, o contexto das mídias sociais alterou consideravelmente a concepção de legitimidade das fontes e dos conteúdos divulgados em meio ao contexto da pandemia da COVID-19. Vejamos:

Cada vez mais os usuários veem, como confiáveis, indivíduos que estão dentro de suas redes de pares e que apoiam a produção e troca de informações valiosas como fontes confiáveis de informação. A quantidade de vezes que essa informação é disseminada aumenta a percepção de legitimidade. Este método de compartilhamento e validação de informações contrasta com métodos mais controlados diretamente por intermediários, a mídia tradicional, por exemplo, que possuem conhecimentos especializados e específicos assim como responsabilidades relacionados à verificação de informações e compartilhamento. Este modelo de compartilhamento de informações se tornou um recurso de condução de como as informações públicas relacionadas à saúde e à medicina estão sendo produzidas e disseminadas. Durante a pandemia da COVID-19, não surpreendentemente os indivíduos estão recorrendo a essa nova realidade digital em busca de orientação. (2020, p. 1, tradução própria).

A circulação indiscriminada de informações resultou consequências gravosas no meio social, entre elas podemos citar a manipulação de conteúdos de acordo com os diversos interesses, criação de políticas públicas inadequadas e adoção de estratégias sanitárias ineficazes¹⁰. Dessa forma, o compartilhamento irresponsável de ideias, argumentos e opiniões sem qualquer critério de verificação fomentam a desinformação e o efeito direto desse movimento é o estímulo irracional de medidas sem os requisitos mínimos de fundamentação científica, que possam assegurar efetividade e eficácia na erradicação do vírus.

Nesse sentido, observamos nesse período em que se instalou mundialmente a pandemia, que diariamente milhares de notícias sem base científica são divulgadas a um número cada vez maior de pessoas e que tais informações causam, em geral, pânico e sofrimento desnecessário a população. Não se deve minimizar a gravidade

da situação gerada pela COVID-19, no entanto, expor a população a supostas práticas milagrosas de imunização ou menosprezar o problema de saúde pública, impedem ações apropriadas de combate ao vírus¹⁴.

Dessa forma, entende-se que a propagação de informações falsas, as denominadas “fake news”, não é novidade na área da saúde, no entanto a pandemia elevou consideravelmente esse patamar e, assim, passou a alcançar um espaço cada vez mais significativo na vida das pessoas. É o que entende Pennycook e Randee (2019)¹⁵: “No que diz respeito ao novo coronavírus, as “Fake News” tomaram conta das redes em uma grande velocidade, talvez tão grande quanto a velocidade de disseminação do novo vírus. As mídias sociais foram grandes impulsionadoras de “Fake News”.

Assim, mesmo após mais de um ano do reconhecimento da pandemia pela OMS, as pesquisas científicas relacionadas a COVID-19, embora em constante progresso e gradativamente alcançando resultados positivos, ainda são primárias, de modo que presenciar esse processo evolutivo da ciência no estudo do vírus nos permitiu observar que os impactos sobre a sociedade desde seu reconhecimento até a atualidade são desastrosos¹⁶.

Dito isso, a presente pesquisa apurou que os grupos mais afetados com a circulação de notícias inidôneas são aqueles formados por pessoas idosas. Esse grupo tende a ser mais vulnerável por diversos fatores, entre os quais se destacam o posicionamento político-comportamental e o analfabetismo absoluto ou funcional¹⁷. A recente inclusão digital combinada com o baixo grau de escolaridade dos idosos contribuem para que esses indivíduos se tornem alvos fáceis de informações falsas, além de se tornarem altos propagadores desses conteúdos¹⁸.

Ao considerar os participantes da pesquisa observou-se que esse grupo de pessoas sofreu influência direta dessas comunicações equivocadas na questão de métodos preventivos ao Sars-cov-2. Nesse sentido, as necessidades reais da população geriátrica em termos de controle preventivo tornaram-se extremamente prejudicadas frente a insegurança contemporânea gerada pelos meios tecnológicos e pela inabilidade de filtragem de possíveis notícias e fatos falsos^{19, 20}.

Embora a pesquisa demonstre que os participantes quando questionados sobre por qual meio prefeririam receber informações sobre a COVID-19, tenham manifestado em sua maioria que por profissionais de saúde devidamente qualificados, tais como enfermeiros (8%), dentistas (16%), médicos (19%) e posto de saúde (19%),

afirmaram também, que obtiveram mais informações sobre a doença através dos meios de comunicação, TV (29%), mídias sociais (24%) e rádio (18%).

Diante disso, a hiperconectividade e a mobilidade global impulsionada pelos meios de comunicação podem contribuir para que um maior número de pessoas receba informações corretas, advindas de profissionais responsáveis e alicerçados na ciência, mas também podem ser instrumentos de divulgação de materiais de baixa ou nenhuma qualidade, que precarizam o trabalho de autoridades e órgãos oficiais comprometidos com a situação de crise. Em termos práticos a facilidade na sociabilidade por vias digitais tem sido um forte fator na perpetuação da desinformação e vem causando pânico generalizado na esfera social, além de estimular o uso de medicamentos e técnicas de prevenção ineficientes e prejudiciais^{19,21}.

As consequências da reprodução de informações que não foram devidamente apuradas podem ser encaradas como um sintoma de um outro fator igualmente importante, que consiste em um sistema educacional precário, no qual inviabiliza a compreensão básica de interpretação de temas fundamentais como política, economia, saúde, educação, além de consciência social e financeira²¹. Dentre os integrantes da pesquisa apurou-se que a maioria dos que manifestaram terem sido influenciados pelas mídias sociais possuía idade avançada e baixo grau de escolaridade.

Salienta-se que esse grupo de pessoas que revelou ter tomado algum medicamento ou feito ou deixado de fazer algum ato de prevenção contra a COVID-19 por influência das mídias sociais não têm ciência da problemática em que estão envolvidos, uma vez que se encontram diante de um acesso inadequado ou mesmo ineficiente de conhecimento que permita a distinção de notícias falsas e, assim, acabam se tornando vítimas e propulsores da máquina da desinformação causada pelas “fake news”¹⁴.

Ainda nesse contexto, verificou-se por meio desta pesquisa que os participantes que mais se automedicaram por influência midiática também foram as pessoas mais idosas e com menor grau de escolaridade e consciência crítica na interpretação das informações que circulavam nas mídias convencionais, tais como jornais, televisão e rádio, mas principalmente na internet, mediante as redes sociais, como WhatsApp, Facebook e blogs.

Essa circulação excessiva de informações pelas mídias sociais também desencadeou uma séria questão na vida das pessoas durante a pandemia, ao aumentar expressivamente os casos de problemas de saúde mental^{20,22}. A incerteza e o medo de contaminação foram fatores essenciais para a súbita manifestação de quadros de estresse, ansiedade, depressão, insônia e transtornos mentais²³. No caso específico da população idosa os problemas mentais foram ainda mais preocupantes, uma vez que esse grupo foi o mais afetado com os efeitos do isolamento social e da paralização de atividades cotidianas²⁴. Restou como única possibilidade de comunicação as ferramentas virtuais, que viabilizaram a difusão de conteúdos suspeitos.

Averiguou-se com a presente pesquisa que a maioria dos participantes fez uso de medicamentos para tratamento preventivo da COVID-19 ou para atenuar sintomas de outras doenças originadas na pandemia, sem orientação de um profissional capacitado, baseado somente em informações divulgadas nas mídias sociais e sem qualquer fundamentação ou comprovação científica. Esses dados confirmam que as mídias sociais exercem forte influência na população, principalmente ao se referir a pessoas com idade avançada e com baixo nível de instrução¹⁹.

À vista disso, o Ministério da saúde passou a disponibilizar um número de WhatsApp exclusivo para recebimento de mensagens da população, para apuração da veracidade de notícias, por equipes técnicas, como tentativa de combate as “Fake News”²⁵.

É importante compreender que o levantamento desta pesquisa tornou evidente que os meios de comunicação digital são ferramentas essenciais na vida da sociedade contemporânea e que quanto maior o acesso às informações, maior o risco de propagação de notícias e dados falsos. Assim, a divulgação de informações e métodos que estimulem o consumo de medicamentos sem prescrição no combate ao Sars-Cov-2 ou a qualquer outra doença, engloba um problema ainda mais delicado, pois a confecção dessa propaganda negativa e inverídica mostra-se com o intuito de promover a adesão a princípios, ideias e teorias que passam a definir os padrões de mercado e de comportamento da população, o que pode acarretar consequências irreversíveis¹⁴.

Em suma, o incentivo ao uso incorreto ou de substâncias medicamentosas de princípios não comprovados para o tratamento da COVID-19, por pessoas sem qualquer tipo de habilitação para tanto, além de atentar contra a saúde, enseja prática

abusiva, tendo em vista a exploração do medo, da ingenuidade e da vulnerabilidade fática, socioeconômica e informacional das pessoas em geral. A publicação e a transmissão de informações falsas que possam induzir a sociedade ao erro de estarem imunizadas, a ponto de deixarem de tomar as providências comprovadamente necessárias à sua proteção tem sido comum, no entanto não deve ser banalizada e sim, fortemente combatida, com políticas públicas, legislações e campanhas contra as “fake news” nesse setor¹⁴.

6.7 Conclusão

Os resultados sugerem que as mídias sociais influenciam diretamente no comportamento da população, principalmente nas que possuem um menor nível de escolaridade e maior idade, podendo interferir em questões sérias, como a saúde.

6.8 Referências

1. Melo M. Tecnologia e comportamento humano: Um infinito de possibilidades. *PsychTech & Health Journal*. 2019 Mar; 2(2):1-2.
2. Moretti FZ, Oliveira VE, Silva EMK. Acesso a informações de saúde na internet: uma questão de saúde pública?. *Rev. Assoc. Med. Bras.* 2012 Dec; 58(6):650-658.
4. World Health Organization. Director-General's opening remarks at the media briefing on COVID-19 - 11 March 2020. Disponível em: <https://www.who.int/director-general/speeches/detail/who-director-general-s-opening-remarks-at-the-media-briefing-on-covid-19---11-march-2020>.
5. Barcelos TN, Muniz LN, Dantas DM, Contrim Junior DF, Cavalcante JR, Faerstein E. Análise de fake news veiculadas durante a pandemia de COVID-19 no Brasil. *Rev Panam Salud Publica.* 2021 Jun; 45:e65.
6. Santos Pinto CDB, Miranda ES, Castro CGSO. O “kit-covid” e o Programa Farmácia Popular do Brasil. *Cad. Saúde Pública.* 2021; 37(2).
7. Ashburn TT; Thor KB. Drug repositioning: identifying and developing new uses for existing drugs. *Nat Rev Drug Discov.* 2004 Aug; 3(8):673-83. doi: 10.1038/nrd1468. PMID: 15286734.
8. Cavalcanti AB, Zampieri FG, Rosa RG, Azevedo LCP, Veiga VC, Avezum A et al. Hydroxychloroquine with or without azithromycin in mild-to-moderate Covid-19. *N Engl J Med.* 2020 Nov; 383(21):2041-52.

9. G1. Venda de remédios do 'kit Covid' dispara até 857% na pandemia. Por Guilherme Balza, Globonews 06/05/2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/05/06/venda-de-remedios-do-kit-covid-dispara-ate-857percent-na-pandemia.ghtml>
10. BBC. Tratamento precoce | 'Kit covid é kit ilusão': os dados que apontam riscos e falta de eficácia do suposto tratamento. Por André Biernath. BBC News Brasil em São Paulo, 27 janeiro 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55775106>
11. Luccheta RC, Mastroianni PC. Rational use of chloroquine and hydroxychloroquine in times of COVID-19. Revista de Ciências Farmacêuticas Básica e Aplicada. 2019; 40:e643, 2019.
12. Organização Pan-Americana da Saúde - OPAS. Organização Mundial da Saúde - OMS. Repositório Institucional para Troca de Informações – Iris. Fichas Informativas COVID-19: entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a COVID-19 [Internet]. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde; 2020. Disponível em: <https://iris.paho.org/handle/10665.2/52054?locale-attribute=pt>
» <https://iris.paho.org/handle/10665.2/52054?locale-attribute=pt>
13. Limaye RJ, Sauer M, Ali J, Bernstein J, Walh B, Barnhill A, Labrique A. Building trust while influencing online COVID-19 content in the social media world. The Lancet Digital Health. 2020 Jun; 2(6):277-278.
14. Almeida A, Sousa MPL, Sousa MPV, Liberato LC, Silva CRL, Silva Filho JA, Pinto AGA. Como as fake news prejudicam a população em tempos de pandemia covid-19?: revisão narrativa / how do fake news harm the population in times of covid-19 pandemic?: narrative review. Brazilian Journal of Development. 2020; 6(8).
15. Pennycook G, Rand DG. Lazy, not biased: Susceptibility to partisan fake news is better explained by lack of reasoning than by motivated reasoning. Cognition. 2019 Jul; 188:39-50.
16. Couto MT, Barbieri CLA, Matos CCSA. Considerações sobre o impacto da covid-19 na relação indivíduo-sociedade: da hesitação vacinal ao clamor por uma vacina. Saúde e Sociedade. 2021 Mar; 30(1):e200450.
17. Guess A, Nagler J, Tucker J. Less than you think: Prevalence and predictors of fake news dissemination on Facebook. Sci Adv. 2019 Jan; 5(1):eaau4586.
18. Parchen CE, Freitas COA, Cavalli TTFBE. As fake news na era digital e a ausência de políticas públicas de educação para o uso das tic's. Revista Culturas Jurídicas. 2020 Jan/Abr; 7(16).
19. Li S, Feng B, Liao W, Pan W. Internet Use, Risk Awareness, and Demographic Characteristics Associated With Engagement in Preventive Behaviors and Testing: Cross-Sectional Survey on COVID-19 in the United States. J Med Internet Res. 2020 Jun; 22(6):el19782.

20. Franza F, Solomita B, Tavormina G. Loneliness and Hopelessness: Their Role in the Depressive Cases during the COVID Pandemia. *Psychiatr Danub*. 2021 Sep; 33(9):14-17.
21. Jokic-Begic N, Korajlija AL,; Mikac U. Cyberchondria in the age of COVID-19. *PLoS One*. 2020 Dec, 15(12):e0243704.
22. Hernandez LD, Giezendanner S, Fischer R, Zeller A. The effect of COVID-19 on mental well-being in Switzerland: a cross-sectional survey of the adult Swiss general population. *BMC Fam Pract*. 2021 Sep; 22(1):181.
23. Kim SW, Park IH, Kim M, Park AL, Jhon M, Kim JW, Kang HJ, Ryu S, Lee JY, Kim JM. Risk and protective factors of depression in the general population during the COVID-19 epidemic in Korea. *BMC Psychiatry*. 2021 Sep; 21(1):445.
24. Pecoits RV, Rosa AAS, Peruzzo JV, Flores MC, Gehlen MC, Morello MS, Soares RGL et al. O impacto do isolamento social na saúde mental dos idosos durante a pandemia da Covid-19. *Revista da AMRIGS*. 2021 Jan/Mar; 65(1):101-108.
25. Brasil. Ministério da Saúde. Acha que está com sintomas da covid-19? O que fazer? O que você precisa saber! Disponível em: <https://antigo.saude.gov.br/fakenews/>

ANEXOS

ANEXO A – REFERÊNCIAS DA INTRODUÇÃO GERAL E METODOLOGIA EXPANDIDA

- 1- Estatísticas Google. Disponível em: <https://news.google.com/covid19/map?hl=pt-BR&mid=%2Fm%2F02j71&gl=BR&ceid=BR%3Apt-419>
- 2- Samuel SR, Kuduruthullah S, Khair AMB, Shayeb MA, Elkaseh A, Varma SR, Nadeem G, Elkhader IA, Ashekhi A. Impact of pain, psychological-distress, SARS-CoV2 fear on adults' OHRQOL during COVID-19 pandemic. Saudi Journal of Biological Sciences. Volume 28, Issue 1, January 2021, Pages 492-494. <https://doi.org/10.1016/j.sjbs.2020.10.033>
- 3- G. Asmundson, S. Taylor. Coronaphobia: Fear and the 2019-nCoV outbreak. J. Anxiety Disord., 70 (2020), p. 102196, 10.1016/j.janxdis.2020.102196
- 4- Zhou X, Snoswell CL, Harding LE, Bambling M, Edirippuligr S, Bai X, Smith AC. The role of telehealth in reducing the mental health burden from COVID-19. Telemed. J. E. Health., 26 (2020), pp. 377-379, 10.1089/tmj.2020.0068
- 5- Jairo RO, Diego CQ, Carmen LC, Francisco YC, Franklin EC. Mental health consequences of the COVID-19 pandemic associated with social isolation. Rev. colomb. anestesiología ; 48(4):e301-e301, 2020. ID: grc-745388
- 6- Ahmad AR, Murad HR. The Impact of Social Media on Panic During the COVID-19 Pandemic in Iraqi Kurdistan: Online Questionnaire Study. J Med Internet Res 2020;22(5):e19556. DOI: 10.2196/19556
- 7- Hao K, Basu T. O coronavírus é o primeiro infodêmico de mídia social verdadeiro. 2020. URL: <https://www.technologyreview.com/s/615184/the-coronavirus-is-the-first-true-social-media-infodemic/> [acessado em 15-12-2020]
- 8- Sadio, A.J., Gbeasor-Komlanvi, F.A., Konu, R.Y. et al. Assessment of self-medication practices in the context of the COVID-19 outbreak in Togo. BMC Public Health 21, 58 (2021). <https://doi.org/10.1186/s12889-020-10145-1>
- 9- Mittal P, Chan OY, Kanneppady SK, Verma RK, Hasan SS. Association between beliefs about medicines and self-medication with analgesics among patients with dental pain. PLoS One. 2018;13(8): e0201776. 79
- 10- Aditya S. Self-medication patterns among dental undergraduate students: a growing concern. Int J Pharm Sci Res. 2013;4(4):1460-5.
- 11- Gualano MR, Bert F, Passi S et al. Use of self-medication among adolescents: a systematic review and meta-analysis. Eur J Public Health 2015;25(3):444-50.
- 12- Domingues PHF, Galvão TF, Andrade KRC et al. Prevalence and associated factors of self-medication in adults living in the Federal District Brazil; a cross-sectional, population based study. Epidemiol Serv Saúde 2017;26:319-30.

- 13- Kassie AD, Bifftu BB, Mekonnen HS. Self-medication practice and associated factors among adult household members in Meket district, Northeast Ethiopia, 2017. *BMC Pharmacol Toxicol* 2018;19(1):15.
- 14- Santos GAS, Boing AC. Mortalidade e internações hospitalares por intoxicações e reações adversas a medicamentos no Brasil: análise de 2000 a 2014. *Cad. Saúde Pública* 2018; 34(6):e00100917. doi: 10.1590/0102-311X00100917
- 15- Cherian D. COVID-19: Avoid self-medication and false « cures » when battling coronavirus. 2020 [Citado em 19/12/20]. Disponível em: <https://gulfnews.com/world/americas/covid-19-avoid-self-medication-and-false-cures-when-battling-coronavirus-1.1585042404259>.
- 16- Busari S, Adebayo B. Nigeria records chloroquine poisoning after Trump endorses it for coronavirus treatment. 2020 [Citado em 20/12/20]. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2020/03/23/africa/chloroquine-trump-nigeria-intl/index.html>
- 17- Hossain MM, Sultana A, Purohit N. (2020). Mental health outcomes of quarantine and isolation for infection prevention: A systematic umbrella review of the global evidence. *PsyArXiv*. 2021; 1–27. doi: <https://doi.org/10.31234/OSF.IO/DZ5V2OPAS>.

ANEXO B – REFERÊNCIAS DA REVISÃO DE LITERATURA

1. Oliveira JVL, Costas FB, Porfírio VN, Silva MMM, Cunha ABOC, Silva NC, Nascimento VJOA, França AMM, Melo MLRS, Silva RFC, Costa MDT, Silva Filho LS. A automedicação no período de pandemia de COVID-19: Revisão integrativa. *Research, Society and Development*. 2021; 10(3):e58610313762, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i3.13762.
2. Leal WS, Melo DNA, Silva FCS, Nazaré KA, Rodrigues BTF, Fernandes EL, Araújo MES, Martins JL, Freitas LMA(2021). Análise da automedicação durante a pandemia do novo coronavírus: um olhar sobre a azitromicina. *Revista Ibero-Americana De Humanidades, Ciências E Educação*. 7(8):580–592. DOI: <https://doi.org/10.51891/rease.v7i8.1984>
3. Sahanic S, Boehm A, Pizzini A, Sonnweber T, Aichner M, Weiss G, Loeffler-Ragg J, Tancevski I. Avaliação da automedicação para doença obstrutiva das vias aéreas durante COVID-19 usando o Google Trends. *European Respiratory Journal*. 2020; 56: 2002851. DOI:10.1183 / 13993003.02851-2020
4. Sadio AJ, Gbeasor-Komlanvi FA, Konu RY, Bakoubayi AW, Tchankoni MK, Bitty-Anderson AM, Gomez IM, Denadou CP, Anani J, Kouanfack HR, Kpeto IK, Salou M, Ekouevi DK. Assessment of self-medication practices in the context of the COVID-19 outbreak in Togo. *BMC Public Health*. 2021; 21(1):58.
5. Novais TK, Assis BM, De Paula ACC, Franco DCZ. Automedicação como forma de tratamento da Covid-19 e suas consequências. *Archives of Health*. 2021; 2(4):1342-1347.
6. Silva AF, Jesus JSP, Rodrigues JLG. Automedicação na pandemia do novo coronavírus. *Revista Ibero-Americana De Humanidades, Ciências E Educação*. 2021; 7(4):938–943. DOI: <https://doi.org/10.51891/rease.v7i4.1038>
7. Barros-Sevillano JS; Sandoval CP; Alcarraz-Mundial LS; Barboza JJ. Automedicación en tiempos de COVID-19. Una perspectiva desde Perú. *Gac Med Mex*. 2021; 157:116-116. DOI: 10.24875/GMM.M21000526
8. Corrêa MCD; Vilarinho L; Barroso WBG. Controvérsias em torno do uso experimental da cloroquina / hidroxicloroquina contra a Covid-19: “no magic bullet”. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*. 30(02):e300217. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312020300217>.
9. Souza AF; Pinheiro AC; Porto JM; Costa JSC; Dias RCN; Araújo LMB; Amâncio NFG. Covid-19: automedicação de indivíduos psicologicamente afetados/covid-19: self-medication of psychologically affected individuals. *Brazilian Journal of Development*. 2021; 7(1). DOI:10.34117/bjdv7n1-185.
10. Neto M; Gomes TO; Porto FR; Rafael RMR; Fonseca MHS; Nascimento J. Fake news no cenário da pandemia de Covid-19. *Cogitare enferm*. 25, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/ce.v25i0.72627>.

11. Gras M; Gras-Champel V; Moragny J; Delaunay P; Laugier D; Masmoudi K; Liabeuf S. Impact of the COVID-19 outbreak on the reporting of adverse drug reactions associated with self-medication. *Ann Pharm Fr.* 2021; 79(5): 522-529.
12. Jesmi AA; Tabrizi ZM; Rad M; Hosseinzadeh-Younesi E; Pourhabib A. Lived experiences of patients with COVID-19 infection: a phenomenology study. *Med Glas (Zenica).* 18(1):18-26. DOI: 10.17392/1247-21
13. Miguel LCB; Carvalho CJS. O impacto das fake news e a sua influência na automedicação na COVID 19. *PubSaúde.* 5;145.
DOI:<https://dx.doi.org/10.31533/pubsaude5.a145>.
14. Souza MNC; Ricardino IEF; Sampaio K; Silva MR; Lima APG; Fernandes DL; Sampaio AC; Feitosa AC; Brito AB; Guedes TO; Mota ML. Occurrence of Self-medication in the Brazilian population as a preventive strategy for SARS-CoV-2. *Research, Society and Development.* 2021; 10(1):e44510111933. DOI: 10.33448/rsd-v10i1.11933.
15. Teixeira KBJ. et al. Os riscos associados à prática da automedicação no tratamento da covid-19. *Revista Uningá.* 2021; 57(S1):062-063.
16. Santos JRM; Monteiro L; Sousa SG; Araújo BGA. Os riscos da automedicação por hidroxicloroquina frente a Pandemia de COVID-19. *Brazilian Journal of Health Review.* 2021; 4(3):11185-11204.
17. Makowska M; Boguszewski R; Nowakowski M; Podkowinska M. Self-Medication-Related Behaviors and Poland's COVID-19 Lockdown. *Int J Environ Res Public Health.* 2020; 17(22).
18. Silva Filho PSP; Costa REAR; Andrade IAS; Sousa FWS; Amorim Jr JS; Cavalcante Neto AS; Farias MDSB. et al. *Research, Society and Development.* 2020; 9(7):e458974211. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i7.4211>
19. Lima WG; Cardoso BG; Simião DC; JM; Silva CA; Brito JCM. Uso irracional de medicamentos e plantas medicinais contra a COVID-19 (sARs-Cov-2): Um problema emergente. *Brazilian Journal of Health and Pharmacy.* 2020; 2(3):37-53. DOI: <https://doi.org/10.29327/226760.2.3-5>

ANEXO C – APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

UNESP - FACULDADE DE
ODONTOLOGIA-CAMPUS DE
ARAÇATUBA/ UNIVERSIDADE



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Automedicação- Uma abordagem farmacoepidemiológica.

Pesquisador: Cléa Adas Saliba Garbin

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 02372318.6.0000.5420

Instituição Proponente: Faculdade de Odontologia do Campus de Araçatuba - UNESP

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.010.837

Apresentação do Projeto:

O projeto apresenta justificativa, objetivo e metodologia adequadas. Farão parte da pesquisa, adultos e idosos, que procuram atendimento médico e odontológico nas unidades de saúde de um município de médio porte do noroeste do estado de São Paulo. A coleta dos dados será realizada por meio de um inquérito semiestruturado, que foi elaborado exclusivamente para este estudo. Para análise dos dados, será utilizada a estatística descritiva pela caracterização da população por meio de medidas de tendência central (frequências simples e absoluta, média e mediana) e medidas de dispersão (desvio padrão).

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo deste estudo será avaliar os motivos e fatores que induzem a prática da automedicação na população adulta e idosa, e investigar sua associação entre os determinantes sociais e sua auto percepção e entendimento do processo saúde- doença.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Risco mínimo, apenas relacionado a possível inibição frente à entrevista. Não apresenta risco à integridade física dos participantes.

Benefícios:

Durante a entrevista, os indivíduos poderão receber instruções a respeito do uso correto dos medicamentos, em especial antimicrobianos, assim

Endereço: JOSE BONIFACIO 1193

Bairro: VILA MENDONÇA

CEP: 16.015-050

UF: SP

Município: ARACATUBA

Telefone: (18)3636-3200

Fax: (18)3636-3332

E-mail: andrebertoz@foa.unesp.br

**UNESP - FACULDADE DE
ODONTOLOGIA-CAMPUS DE
ARAÇATUBA/ UNIVERSIDADE**



Continuação do Parecer: 3.010.837

como serão alertados para a ameaça atual de bactérias resistentes e como a população pode ajudar a preveni-la.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de um estudo epidemiológico exploratório, transversal quantitativo do tipo inquérito. No cálculo de tamanho da amostra e considerando eventuais perdas adicionou-se 10% ao tamanho da amostra, totalizando 422 indivíduos, precisão de 5% e intervalo de confiança de 95%.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

TCLE adequado.

Recomendações:

ndn

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

ndn

Considerações Finais a critério do CEP:

Não havendo pendências, o CEP propõe a aprovação do projeto de pesquisa salientando que, de acordo com a Resolução 466 CNS de 12/12/2012 (título X, seção X.1., art. 3, item b, e, título XI, seção XI.2., item d), há necessidade de apresentação de relatórios semestrais, devendo o primeiro relatório ser enviado até 01/05/2019. O CEP reitera a necessidade de entrega de uma via (não cópia) do TCLE ao sujeito participante da pesquisa e solicita ao pesquisador responsável leitura da carta circular 003/2011 CONEP/CNS antes do início do projeto.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_985264.pdf	06/11/2018 10:44:42		Aceito
Cronograma	Cronograma.docx	06/11/2018 10:44:16	JULIA ARRUDA BATISTA	Aceito
Folha de Rosto	FolhaRosto.pdf	28/10/2018 17:14:07	JULIA ARRUDA BATISTA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.docx	04/10/2018 15:25:59	JULIA ARRUDA BATISTA	Aceito
Outros	Questionario.doc	30/09/2018 19:54:33	JULIA ARRUDA BATISTA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento /	TCLE.doc	30/09/2018 19:53:45	JULIA ARRUDA BATISTA	Aceito

Endereço: JOSE BONIFACIO 1193

Bairro: VILA MENDONCA

CEP: 16.015-050

UF: SP

Município: ARACATUBA

Telefone: (18)3636-3200

Fax: (18)3636-3332

E-mail: andrebertoz@foa.unesp.br

UNESP - FACULDADE DE
ODONTOLOGIA-CAMPUS DE
ARAÇATUBA/ UNIVERSIDADE



Continuação do Parecer: 3.010.837

Justificativa de Ausência	TCLE.doc	30/09/2018 19:53:45	JULIA ARRUDA BATISTA	Aceito
---------------------------	----------	------------------------	-------------------------	--------

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

ARACATUBA, 09 de Novembro de 2018

Assinado por:
Aldiéris Alves Pesqueira
(Coordenador(a))

Endereço: JOSE BONIFACIO 1193

Bairro: VILA MENDONCA

CEP: 16.015-050

UF: SP

Município: ARACATUBA

Telefone: (18)3636-3200

Fax: (18)3636-3332

E-mail: andrebertoz@foa.unesp.br

ANEXO D – QUESTIONÁRIO APLICADO

Questionário Hipertensos e diabéticos

1. Idade: _____ DN: _____
2. Escolaridade:
 - ☐ Ensino fundamental completo
 - ☐ Ensino fundamental incompleto
 - ☐ Ensino médio completo
 - ☐ Ensino médio incompleto
 - ☐ Ensino superior
3. Portador de doenças sistêmicas:
 - ☐ Hipertensão
 - ☐ Diabetes. Tipo: _____
4. Faz acompanhamento médico:
 - ☐ Sim
 - ☐ Não
 Está controlada ☐ Sim ☐ Não
5. É fumante: ☐ Sim ☐ Não
 Inger bebida alcoólica: ☐ Sim ☐ Não
6. Você acha que existe um tratamento específico para a doença? ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei.
7. Você acha que o coronavírus tem uma cura específica? ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei
8. Você tomou alguma medicação para prevenção? ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei
9. Você comprou alguma medicação e guardou para utilizar caso contraia a doença? ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei
10. Quando é informado um medicamento pelas mídias sociais para o tratamento da COVID 19 você vai logo atrás de compra-lo? ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei
11. Você comprou os medicamentos com receita médica? ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei
12. Onde você teve informações sobre a doença?
 - ☐ TV
 - ☐ Rádio
 - ☐ Mídias sociais
 - ☐ Posto de saúde
 - ☐ Dentista
 - ☐ Médico
 - ☐ Amigo
 - ☐ Família
 - ☐ Enfermeiro
 - ☐ Não sei
13. Como prefere receber essas informações?
 - ☐ TV
 - ☐ Rádio
 - ☐ Mídias sociais
 - ☐ Posto de saúde
 - ☐ Dentista
 - ☐ Médico
 - ☐ Amigo
 - ☐ Família
 - ☐ Enfermeiro
 - ☐ Não sei
14. Você acha que seu conhecimento sobre a doença é suficiente para conseguir se prevenir? ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei.